

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Clodoaldo Donizetti da Cruz

RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO *CORPUS* KIERKEGAARDIANO:

Perscrutando suas características e peculiaridades

MESTRADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO

2021

Clodoaldo Donizetti da Cruz

RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO *CORPUS* KIERKEGAARDIANO:

Perscrutando suas características e peculiaridades

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Filosofia, área de concentração Teoria do Conhecimento, sob a orientação do Prof. Dr. Mario Ariel Gonzáles Porta.

SÃO PAULO

– SP 2021

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processo de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

E-mail: _____

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalogada para Tese e Dissertação com dados fornecidos pelo autor

Clodoaldo Donizetti da Cruz

RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO *CORPUS* KIERKEGAARDIANO:

Perscrutando suas características e peculiaridades

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Filosofia, área de concentração Teoria do Conhecimento, sob a orientação do Prof. Dr. Mario Ariel Gonzáles Porta.

Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Mario Ariel Gonzáles Porta – PUC – SP

Dr. Gabriel Ferreira da Silva – UNISINOS –
RGS

Dr. Jonas M. Madureira – UNI. MACKENZIE-
SP

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código
de Financiamento 001.”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.”

AGRADECIMENTOS

Ao estimado Prof. Dr. Mario Ariel González Porta, meu orientador, a quem ressalto meu respeito e admiração pela dedicação e comprometimento em transmitir seus conhecimentos. Seu apoio e incentivo foram essenciais na confecção dessa pesquisa dissertativa.

Ao Prof. Dr. Gabriel Ferreira da Silva e ao Prof. Dr. Jonas Moreira Madureira pelo apoio e contribuições quando da fase de qualificação.

À estimada Prof. Dr^a Sílvia Saviano Sampaio, minha gratidão, quando nos tempos de bacharelado na PUC-SP, por me motivar a estudar o filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard.

Ao Grupo de Orientados Mario Porta, pelas inestimáveis observações nos rumos que deveriam ser trilhados esse trabalho dissertativo. Em especial a doutoranda Brenda Cardoso Soares, meus sinceros agradecimentos.

Ao mestrando Fernando Patrick Prado de Freitas pela amizade e inestimáveis observações a respeito dessa pesquisa dissertativa.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, por me proporcionar conhecimentos sólidos na arte de “pensar”.

À CAPES, pela bolsa concedida, que me proporcionou a tranquilidade necessária na pesquisa dissertativa.

Ao meu querido pai, Sebastião Cipriano da Cruz, *in memoriam*, que me ensinou valores sólidos, com muito sacrifício, trabalho e abnegação, norteando a minha vida para trilhar o caminho do bem.

À minha amada mãe, Maria Lucia de Souza Cruz. Adorável mulher, sábia e guerreira, pelo Amor incondicional.

A minha esposa, Luciana Nikaido Marcassa, pelo amor que tem por mim. Juntamente a minha enteada Olivia Nikaido Marcassa Sansão que torna a nossa existência mais tranquila.

Àqueles que estiveram comigo e não se encontram mais nesse plano terrestre, meus eternos agradecimentos por me ensinarem o verdadeiro Amor, pois guardo a Fé que um dia vamos nos encontrar.

ABREVIATURAS

CDB – Círculo Der Brenner, ponto focal da cultura e fermentação intelectual em Viena no século XIX.

DB – Der Brenner, revista austríaca filosófica e poética destinada aos intelectuais europeus do início do século XIX.

EK – *Études Kierkegaardiennes*. Librairie Philosophique J. Vrin. Paris: Troisième édition, 1967 [1938] de Jean Wahl.

FE - *Filosofias da Existência* (1962) título original *Les Philosophies de L'Existence* [1954] de Jean Wahl.

HDE - *História Del Existencialismo* – seguido de Discusion Y Kafka Y Kierkegaard, (1960), título original francês *Histoír du Existentialism* [1947] de Jean Wahl.

HEF - *História do Existencialismo e da Fenomenologia* (1975) Vol. 1 e 2. de Thomas Ransom Giles.

KE - *Kierkegaard and Existentialism*. Søren Kierkegaard Research Centre: Sources, Reception and Resources. Volume 9. Routledge: Published, 2016: 2016, p. 393-408. Jon Stewart.

KHR - *Kierkegaard relations to Hegel reconsidered*. Cambridge University Press, 2003. Jon Stewart.

KHS – *Kierkegaard não era um homem sério*. São Paulo, SP: Editora Liber Ars (2019): 111-170. Álvaro L. M. Valls.

KIK – *Kierkegaard's Influence on Karl Barth's Early Theology*, Journal of Christian Philosophy 18 (2014): 197-245.

KIR – *Kierkegaard's International Reception*. Tome III: The Near East, Asia, Australia and the Americas: Edited By Jon Stewart, 2009. *Americas Brazil: Forty years later*. Álvaro Luis Montenegro Valls, p. 319-328.

KIT – *Kierkegaard's Influence on Theology*. Tome I: German Protestant Theology. Paul Tillich: An Ambivalent Appropriation, artigo de Lee C. Barrett (2016): p. 335-376

NWE - *Kierkegaard's International Reception*. Tome I: Northern and Western Europe. Edited by Jon Stewart, 2016. Part II Western Europe - Great Britain: *From "Prophet of the Now" to Postmodern Ironist (and after)* George Pattison, p. 237-270.

RKR - *Schleiermacher: Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him*, p. 197-222. Kierkegaard and His German Contemporaries. Tome II: Theology. Kierkegaard

Research: Sources, Reception and Resources Volume 6, Tome II First published 2007 by Ashgate Publishing. Published 2016 by Routledge.

RSK – *Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought*. Habib C. Malik (1997).

SKS - Søren Kierkegaard – *Subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução de Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petropolis, Rio de Janeiro: Editora vozes, 2017, p. 215-217. Jon Stewart.

“Não é em torno dos inventores de novas sonoridades, mas sim em torno de inventores de novos valores que o mundo se transforma: ele gira de forma *inaudível*”.

Friedrich Nietzsche - Assim Falou Zaratustra.

Resumo

Este trabalho dissertativo propõe-se a abordar um ponto a ser esclarecido que é de extrema importância acerca da recepção e interpretação do dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855): o estabelecimento do modo de leitura existencialista de seu *Corpus* que veio por meio de uma tradição em detrimento de outras leituras possíveis. Por conseguinte, será explicitado o *Status quaestionis* das recepções e interpretações kierkegaardinas nos séculos XIX, XX e XXI, perscrutando suas características distintivas, suas mudanças de eixo e suas respectivas peculiaridades, mediante às vertentes alemã (teológica protestante e filosófica), francesa existencialista, anglo-saxã e brasileira.

Palavras-chave: Kierkegaard. Recepção. Existencialismo. Existência.

Abstract

This essay work proposes to address a point to be clarified that is extremely important about the reception and interpretation of the Dane Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855): the establishment of the existentialist way of reading his Corpus that came through a tradition at the expense of other possible readings. Therefore, the *Status quaestionis* of Kierkegaardin receptions and interpretations in the 19th, 20th and 21st centuries will be explained, examining their distinctive characteristics, their axis changes and their respective peculiarities, through German (Protestant and philosophical theological), French existentialist, Anglo trends -Saxon and Brazilian.

Keywords: Kierkegaard. Reception. Existentialism. Existence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 PANORAMA HISTÓRICO E FILOSÓFICO NOS SÉCULOS XIX E XX	19
2.1 Período de “não recepção”	19
2.2 Período de “má recepção”	21
2.2.1 Questões religiosas	21
2.2.2 Interpretação literária	23
2.2.3 Abordagem biográfico-psicológica.....	24
2.2.4 Interpretações subjetivista e irracionalista	25
2.2.5 Período de “boa recepção”	27
2.3 Considerações	29
3 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO ALEMÃ	32
3.1 A influência kierkegaardiana na Teologia Dialética de Karl Barth	33
3.1.1 Kierkegaard em <i>Epístola aos Romanos</i>	35
3.2 Søren Kierkegaard no “método de correlação” de Paul Tillich	36
3.3 Karl Jaspers e a Filosofia da <i>Existenz</i>	39
3.4 Martin Heidegger e as categorias kierkegaardianas.....	40
3.5 Estudos de reconsiderações	44
3.5.1 Friedrich Schleiermacher	44
3.5.2 A influência de Friedrich Trendelenburg sobre Søren Kierkegaard	46
3.5.3 A querela Kierkegaard e Hegel.....	47
3.6 Considerações	50
4 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO FRANCESA “EXISTENCIALISTA”	54
4.1 Recepção e interpretação francesa kierkegaardiana.....	54
4.1.1 Jean Wahl.....	55
4.1.2 Jean Wahl e as Filosofias da Existência.....	56
4.1.3 Søren Kierkegaard e o existencialismo.....	58
4.2 Interpretações francesas existencialistas	59
4.2.1 Simone de Beauvoir.....	59
4.2.2 Martin Buber	60
4.2.3 Albert Camus	60
4.2.4 Michel Henry.....	61
4.2.5 Gabriel Marcel.....	61

4.2.6 Jacques Maritain.....	62
4.2.7 Maurice Merleau-Ponty.....	62
4.3 Considerações	63
5 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO ANGLO-SAXÃ.....	66
5.1 Primeiros contatos - 1850 a 1914	66
5.2 Período entre guerras mundiais a 1970	67
5.3 Dos anos 1980 até o presente.....	69
5.4 Considerações	70
6 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO BRASILEIRA.....	73
6.1 Primeiros contatos 1900 a 1970.....	73
6.2 Ernani Reichmann – 1970 a 1980.....	75
6.3 Álvaro Valls - 1980 a 2003	76
6.4 Gabriel Ferreira – 2015	78
6.5 Considerações	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
APÊNDICE A	93

1 INTRODUÇÃO

É difícil definir o porquê de um leitor nutrir mais afinidade por determinado autor em detrimento de outros, levando-se em conta sua reflexão, seu estilo literário, seus caminhos percorridos e críticas ou assertivas que pensadores vieram a atribuir à determinada obra. Nesse contexto, chamamos a atenção que essas correlações descritas, ao serem cotejadas e imbricadas por “especialistas” mediante processo de recepção e interpretação, formam determinados modos de leitura sobre a obra fixados por intermédio de uma tradição em detrimento de outros possíveis.

Essa perspectiva, ora apresentada, cabe a quem se deteve como leitor ou pesquisador do dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), cuja obra passou por um processo de recepção e interpretação que percorreu um longo período, destacando-se o ano de 1856, quando tornou-se possível conhecer seus diários, cadernos e livros póstumos, os quais vieram a constituir posteriormente o “*Corpus kierkegaardiano*”¹. Nesse decurso formaram-se modos de leitura, vindo a prevalecer no século XX a leitura do *Corpus* atrelado ao existencialismo em detrimento dos outros caminhos percorridos, tais como os que primam por propósitos pessoais, literários, bem como por aqueles que possuem propósitos intelectuais, filosóficos e teológicos diferentes.

Pelo exposto, essa pesquisa dissertativa tem por escopo definir o *Status quaestionis* das recepções e interpretações kierkegaardianas, perscrutando suas características distintivas e respectivas peculiaridades, por intermédio das vertentes alemã (teológica protestante e filosófica), francesa existencialista, anglo-saxã e brasileira. Apesar de não desprezarmos o fato de haver outras vertentes a serem abordadas, cremos que seja de grande valor a investigação

¹ Jon STEWART, Søren Kierkegaard – subjetividade, ironia e a crise da modernidade, p. 215-217, informa que: a composição do Corpus Kierkegaardiano foi constituído por: obras estéticas; obras religiosas; Diários de AA até JJ que retratam o período de (1835 a 1846); Cadernos de 1 a 15 que retratam o período de (1835 a 1846); e os Diários Nota Bene (NB), que vão do NB até NB 36, período de (1847 a 1855). Umberto REGINA, Kierkegaard, p. 295-297, traz as edições de Kierkegaard em dinamarquês: Samlede Værke. Copenhagen: Gyldendal, 1901-1906 em 14 volumes; Samlede Værke, 2ª ed. Copenhagen: Gyldendal, 1920-1936, em 14 volumes mais um décimo quinto volume que contém um registro dos assuntos e dos nomes, por A. Ibsen, e um registro terminológico; Samlede Værke, 3ª ed. Copenhagen: Gyldendal, 1962-1964 contendo 20 volumes. Regina também informa que no ano de 2014 surge a nova edição crítica de todos os escritos Kierkegaardianos: Søren Kierkegaards Skrifter [SKS] - Copenhagen: Søren Kierkegaard Forskningscenteret – Gad, 1997-2014 composto por 28 volumes de textos e 27 volumes de aparatos críticos para cada volume. Nessa nova edição estão presentes 596 folhas esparsas, além de cartas e documentos.

das *viradas* que geraram as diversas perspectivas dominantes sobre o *Corpus* kierkegaardiano.

Nesse contexto observamos que as trajetórias percorridas na Alemanha e na França são bastante conhecidas². Contudo, propomos que estas sejam reavaliadas com a finalidade de investigarmos, mediante uma leitura vertical, se houve pontos de contatos ou contrapontos com a vertente anglo-saxã e brasileira. Além disso, também buscaremos trazer à luz que o surgimento de estudos de “reconsiderações” no século XXI sobre a visão padrão estabelecida, possibilitaram novas perspectivas acerca do *Corpus*, e.g.: Jon Stewart (2003) com seu cotejamento e contraponto com a obra de Niels Thulstrup (1980). Embora haja outros caminhos que façam leituras diferentes, acreditamos que os percursos ora apresentados são suficientes para se investigar as viradas que geraram as diversas perspectivas sobre o *Corpus* kierkegaardiano.

O tema escolhido dessa dissertação foi: Recepção e interpretação do *Corpus* Kierkegaardiano – Perscrutando suas características e peculiaridades. Isso posto, conforme assinala Porta³ “[...] o núcleo essencial da filosofia não é constituído de crenças tematicamente definidas e racionalmente fundadas, senão de problemas e soluções”. Nesse diapasão de primeiro estabelecer a problemática a ser estudada, como trilha a ser seguido em uma investigação filosófica, propõe-se o seguinte questionamento a respeito da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano:

- 1) Qual foi o fato gerador das diversas interpretações sobre o *Corpus* kierkegaardiano nos séculos XIX, XX e XXI?

Com essa inquirição ora apresentada, propõe-se duas respostas possíveis, as quais, vislumbram-se que são o necessário para encaminhar à solução do problema supra apresentado:

- a) Que no processo de formação do *Corpus* kierkegaardiano estabelecido nos séculos XIX e XX houveram erros de interpretação que vieram a estabelecer diferentes modos de leitura sobre as obras do danês;

² Essa abordagem é estabelecida pelo professor Gabriel Ferreira no prefácio do livro de Victor M. FERNANDES, Kierkegaard e Hegel – reconsiderando a relação entre o Pós-Escrito e a Ciência da Lógica, p. 15.

³ PORTA, Mario. A filosofia a partir de seus problemas, p. 27.

- b) Que no século XXI, com os novos aparatos críticos e o surgimento de “estudos de reconsiderações” acerca de “visão padrão estabelecida”, constituiu-se “nova leitura” a respeito de assuntos fixados sobre o *Corpus* Kierkegaardiano.

Buscando a solução ao problema definido e com base nas possíveis respostas apresentadas, optou-se como objeto de investigação uma bibliografia fundamental escudada na recepção e interpretação das Obras de Søren Kierkegaard. Por conseguinte, vislumbrou-se estruturar esse trabalho em 7 partes. A primeira delas é a presente introdução ao problema que será abordado.

A seguinte, o capítulo de número 2, foi dedicada à apresentação da obra do Professor Habib C. Malik *Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought* (RSK), que proporciona uma visão panorâmica da recepção e interpretação dinamarquesa kierkegaardiana, abrangendo o início do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX.

No terceiro capítulo foi prescrito a recepção e interpretação alemã kierkegaardiana em duas vias, i. e.: 1) teológica protestante, na qual utilizamos como objeto de pesquisa os artigos *Kierkegaard's influence on Karl Barth's Early Theology* (KIK), do Teólogo coreano Woo B. Hoon; e *Paul Tillich - An Ambivalent Appropriation*, de Lee C. Barrett. 2) filosófica, alicerçada em dois períodos: a) Primeira metade do século XX, por intermédio dos filósofos Karl Jaspers e Martin Heidegger, tendo como objeto de pesquisa os livros, *Kierkegaard não era um homem sério - Sobre três alemães que leram Kierkegaard* (KHS), de Álvaro Valls; *Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought* (RSK), de Malik; *Historia Del Existencialismo – seguido de Discusion Y Kafka Y Kierkegaard* (HDE) e *Filosofias da Existência* (FE), ambos de autoria de Jean Wahl; e por último *História do Existencialismo e da Fenomenologia* (HEF) Vol. 1 e 2. de Thomas Ransom Giles. b) Século XXI, com o surgimento dos “estudos de reconsiderações” acerca do pensador de Copenhague consubstanciados nos filósofos Schleiermacher, Trendelenburg e Hegel. Neste contexto, utilizamos como ponto de apoio os livros: *Estudos Neokantianos*, de Mario Porta; *Schleiermacher: Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him* (RKR), de Jon Stewart and al; e *Kierkegaard relations to Hegel reconsidered* (KHR), também de Jon Stewart.

O quarto capítulo traz a interpretação francesa existencialista, tendo por base de pesquisa os livros: *Études Kierkegaardiennes* (EK), *História Del Existencialismo* (HDE) e *Filosofias da Existência* (FE), escritos por Jean Wahl. Nesse mesmo escopo foi cotejado também o livro *Kierkegaard and Existentialism* (KE), escrito por Jon Stewart.

No quinto capítulo, a fim de constituir a recepção e interpretação anglo-saxã, trouxemos o livro *Kierkegaard's International Reception Tome I: Northern and Western Europe* (NWE), editado por Jon Stewart.

No sexto capítulo foi necessário designarmos quais foram os parâmetros históricos e temáticos tomados pelos especialistas na constituição da recepção e interpretação brasileira do *Corpus* kierkegaardiano. Com isso fixamos como eixo de pesquisa os estudos dos Professores Doutores: Álvaro Luis Montenegro Valls (2009) *Americas Brazil: Forty years later* e Gabriel Ferreira da Silva (2015) *Em busca de uma Existentieek-Videnskab*. Façamos um adendo acerca dos pesquisadores brasileiros kierkegaardianos, pois existem outros filósofos no momento presente que estão realizando pesquisas de grande valia sobre o pensador de Copenhague, e. g.: Jonas Joos, Umberto Qualio e Vitor M. Fernandes. Entretanto, fixamos como eixo de pesquisa os trabalhos supra apresentados, pois ao nosso entendimento delineiam o escopo deste trabalho dissertativo.

Por último, no sétimo capítulo tem-se o fechamento e consequentemente a conclusão da pesquisa realizada.

2 PANORAMA HISTÓRICO E FILOSÓFICO NOS SÉCULOS XIX E XX

O escopo deste segundo capítulo tem por finalidade pesquisar o contexto histórico e filosófico das recepções e interpretações a respeito do *Corpus* kierkegaardiano, buscando as mudanças de eixo e suas características distintivas: ocorridas no século XIX e delineado até as duas primeiras décadas do século XX. Isto posto, elencamos como objeto de pesquisa o livro historiográfico de Habib C. Malik RSK (1997) que perquiriu o início da recepção e interpretação das obras do pensador de Copenhague, no decorrer dos 70 anos após sua morte, ocorrida em 11 de novembro de 1855. A partir deste contexto descrito e seguindo a classificação estipulada por Malik, dividimos esse capítulo em quatro partes, i. e.: 1) Período de “não recepção”; 2) Período de “má recepção”; 3) Período de “boa recepção”; e 4) Considerações.

2.1 Período de “não recepção”

Malik em RSK⁴ (1997) definiu a primeira metade do século XIX como “não recepção”, devido a ausência de uma recepção expressiva e com profundidade acerca do pensador de Copenhague, além de não ter aparecido uma personalidade de renome internacional que repelisse ou recepcionasse os escritos kierkegaardianos⁵.

Entretanto, observamos que esse período foi de extrema importância à formação do pensamento teológico e filosófico kierkegaardiano devido a influência reinante na Dinamarca, àquela época, do idealismo alemão de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854). Conforme Malik, em RSK, p. 21, “[...] Schelling's Naturphilosophie, whose vogue in Germany and the Scandinavian countries in the early nineteenth century stimulated general interest in science”.

⁴ Habib C. Malik em RSK (1997) fornece um estudo historiográfico sobre a recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano, buscando definir onde, quando, como e qual foi a qualidade dessa recepção que teve início na metade do século XIX, em solo dinamarquês.

⁵ O primeiro livro do Danês foi escrito em 1838 com o título “Dos papéis de alguém que ainda vive” e no ano de 1841 ele defendeu sua tese para *Magister* com o tema: “O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates”. Seus “Diários” e “Cadernos”, iniciados em 1834, ainda não eram de conhecimento público.

Imbricado à questão da ciência estava a questão religiosa, culminando em uma querela entre “ciência e religião”. Sendo que esses dois fatos – idealismo alemão e querela ciência e religião - influenciaram o pensamento e o futuro legado do danês ao propiciar debates acerca do relacionamento da fé (*Tro*) e o conhecimento (*Viden*).

The Danish word used by Kierkegaard and usually translated as "science" is Videnskab. Kierkegaard employed this same word in several contexts to mean different things: in Concluding Unscientific Postscript, for example, it referred to Hegelian speculation and the Hegelian philosophical system which Kierkegaard confronted with his notions of subjectivity and inwardness; in The Concept of Anxiety it designated at times dogmatics and at others any scholarly discipline generally; elsewhere Kierkegaard used Naturvidenskab directly to mean natural science. (RSK, 1997, p. 27).

Para o contexto de fé e conhecimento do danês, é importante trazer à baila seu Diário AA (1835)⁶, no qual estabeleceu sua busca pela verdade⁷, definindo “A Verdade é a Subjetividade”⁸. Essa afirmação foi primordial ao futuro legado kierkegaardiano em âmbito filosófico e teológico, pois foi a base de seus argumentos a respeito da fé e da ciência.

Observamos que o conceito de subjetividade kierkegaardiano não encontrou guarida nem na ciência - que era calcada na “objetividade” - tampouco na religião estabelecida dinamarquesa que, segundo o pensador de Copenhague, era estatal e distanciada dos valores da igreja primitiva Cristã. Todavia, Søren Kierkegaard seguiu o caminho teológico protestante em um contexto que prevalecia o espiritual, a fé, o indivíduo e a existência.

Outro fato relevante à formação do pensamento filosófico e teológico kierkegaardiano foram as influências dos alemães Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768- 1834) e Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872). Entretanto, Malik, em RSK (1997), não deu o devido crédito a esses contemporâneos kierkegaardianos, por isso serão propriamente tematizados no terceiro capítulo, subitem 3.5, intitulado “Estudos de reconsiderações”.

⁶ Retirado de *Kierkegaard's Journals and Notebooks*, Diário AA-DD, vol. 1, p. 19-50.

⁷ Jon STEWART, *Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade*, p. 52-54, onde observa que Kierkegaard fez referência a busca dessa verdade, VI – Uma verdade pela qual viver e morrer.

⁸ Søren KIERKEGAARD, *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, Vol. I, p. 199-264.

2.2 Período de “má recepção”

À segunda metade do século XIX, Malik definiu como “má recepção” e estabeleceu fatores negativos, que vieram a configurar-se como erros à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano no século XIX e XX, i.e: a) a crescente querela entre o pensador de Copenhague e o clero dinamarquês motivada pelos questionamentos daquele acerca da “cristandade” deste; b) o ressurgimento do interesse pelas obras kierkegaardianas, agora por suas obras literárias. Contudo, essas foram utilizadas para interesses pessoais, bem como modificaram aquilo o que queria dizer o danês, ou mesmo apropriaram-se de seus escritos; c) o desvelamento de seu acervo pessoal, a partir de 1856, propiciando novas formas de leitura sobre o *Corpus*; d) além do surgimento do livro do filósofo dinamarquês Harald Høffding (1892), que contribuiu à divulgação do pensamento do danês, porém fixando uma leitura das obras deste como subjetivista e irracionalista.

Por esses motivos, Malik definiu o início da recepção e interpretação das obras kierkegaardianas como “má recepção”, que teria sido motivada por questões religiosas, literárias, por uma abordagem biográfico-psicológica e por interpretações subjetivistas e irracionalistas.

2.2.1 Questões religiosas⁹

O início da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano foi motivado pelas questões religiosas. O pensador de Copenhague questionou, mediante seu periódico *Øieblikket*¹⁰, a cristandade¹¹ que era ensinada pelo clero

⁹ Søren Kierkegaard em 1843 trouxe à baila o livro *Ou-Ou, Um fragmento de Vida*, dando início a sua produção estética e concomitantemente a sua produção religiosa. Com esta, chamamos a atenção que a recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano, tornou-se temática ao deixar de ser questionada paroquialmente, pois conforme Malik (1997), repercutiu na Noruega, partes da Escandinávia, Alemanha, na América do Norte (USA) e posteriormente na língua inglesa através dos Quakers em 1850.

¹⁰ Søren Kierkegaard escreveu e editou entre 1854 e 1855 nove artigos religiosos intitulado “*Øieblikket*”, no qual fez ferozes ataques a “cristandade” presente no clero e na igreja estatal dinamarquesa. Observamos que o artigo de número 10 não foi divulgado devido a morte do danês em 11 de novembro de 1855. No ano de 2019 *Øieblikket* foi traduzido do original para a língua portuguesa, pelos professores Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marcio Gimenes de Paula que nos brindaram com o livro *Søren Kierkegaard – O Instante*: números 1 a 10 apresentando o décimo artigo que não foi publicado em vida pelo danês.

¹¹ Søren KIERKEGAARD, *Que a tarefa vai numa dupla direção*, O Instante nº 2, p. 37.

dinamarquês. Tal fato gerou ferozes ataques ao pensamento teológico kierkegaardiano por representantes da igreja dinamarquesa - Kirkekampen, Grundtwigismo, Pietismo; além de ataques direcionados à sua produção literária, mediante o jornal *Fædrelandet* [A pátria]. Esta contenda tornou Søren Kierkegaard *persona non grata* pela igreja dinamarquesa que procurou o ostracismo de seu nome na Dinamarca. É digno de destaque que diametralmente oposto a esse prélio houve um crescente interesse do clero norueguês pelo pensamento religioso kierkegaardiano mediante o periódico *Øieblikket*, tornando-se um divisor de águas na recepção do *Corpus* kierkegaardiano.

Esses acontecimentos contribuíram para consolidar, durante as primeiras décadas após a morte de Søren Kierkegaard, a recepção de seus escritos religiosos e literários.

Durante a década de 1860, na Escandinávia, teve início um segundo momento da “Questão Religiosa” que testemunhou um interesse renovado nos debates teológicos, especialmente no que diz respeito à complexa questão da relação entre fé e conhecimento sendo chamado de “*Tro og Viden*” (Fé e Conhecimento)¹². Esse período proporcionou um retorno ao pensamento kierkegaardiano, tendo como arcabouço intelectual seu livro *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*¹³ (1846) como base para argumentar sobre a fé e o conhecimento. Fizeram parte desse retorno a Søren Kierkegaard seus contemporâneos Hans Lassen Martensen, Rasmus Nielsen e Hans Brøchner.

Rasmus Nielsen (1809-1884) foi professor de filosofia e teologia, sendo que na década de 1860 utilizou-se de conceitos kierkegaardianos para “mostrar” que a fé e o conhecimento poderiam coexistir na mesma consciência. Entretanto, Nielsen veio a substituir terminologicamente o conceito de paradoxo kierkegaardiano pelo termo mistério.

Hans Lassen Martensen (1808-1884) foi teólogo dinamarquês que no ano de 1837 começou a lecionar na Universidade de Copenhague com enfoque nas idéias básicas da filosofia de Hegel. Para Martensen a posição especulativa

¹² Nas décadas de 1850 e 1860 era desconhecida a posição de Søren Kierkegaard em relação a fé e conhecimento, vindo a ser conhecido posteriormente com o desvelamento de seus Diários e Cadernos.

¹³ Título original em dinamarquês: *Afsluttende uvidenskabelig Eferskrift til de filosofiske Smuler*

hegeliana era de completa harmonia entre fé e conhecimento. Søren Kierkegaard foi aluno de Martensen, sendo que mais tarde refutou sua teologia especulativa.

Hans Brøchner (1820-1875) foi professor de filosofia, sendo que na contenda entre fé e conhecimento, observou que Søren Kierkegaard era a favor da religião. Fato importante que Brøchner evocou e que teve repercussões futuras ao legado kierkegaardiano foi seu estudo sobre o filósofo Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872): “embora as esferas da fé e do conhecimento sejam diferenciadas, o direito da razão contra a fé é estabelecido e ‘a religião é declarada irracional’” (*grifo nosso*). Segundo Malik (RSK), Brøchner foi o primeiro a fazer essa associação, que foi adotada por todos os principais estudiosos kierkegaardianos.

A principal característica desse período de recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano foi marcar o pensamento kierkegaardiano atrelado ao subjetivismo. Segundo Malik, em RSK, p. 193, “[...] O problema que surge é composto por Nielsen quando ‘subjetividade’ e ‘subjetivo’ assumem um significado egoísta e degeneram em subjetivismo”. Em contrapartida, o pensamento religioso do danês começou a ser discutido em círculos intelectuais dinamarqueses, passando inclusive a ser reconhecido popularmente na Escandinávia.

2.2.2 Interpretação literária

Søren Kierkegaard escreveu sobre temas teológicos, filosóficos, além de se dedicar à literatura e à dramaturgia. Estas duas últimas interessaram ao dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906), o qual, conforme Malik, ficou fascinado pelo drama kierkegaardiano¹⁴. Ibsen veio a ser o transmissor desse tema, porém com uma nova interpretação por intermédio de suas peças - *Love's Comedy*, *Brand* e *Peer Gynt*. Nesse ínterim, Ibsen foi acusado de plágio por ter se apropriado de categorias kierkegaardianas como sendo do seu próprio repertório, além de modificá-las em proveito próprio. A importância desse

¹⁴ Kierkegaard escreveu peças sobre artes cênicas as quais foram de grande interesse a Ibsen, i. e.: *La Crise et une crise dans l'avie d'une actrice* (1848); e *OU/OU* (1843).

dramaturgo ao legado kierkegaardiano foi estabelecida por sua divulgação do pensamento do danês para além da Dinamarca e por ter proporcionado que o nome de Søren Kierkegaard fosse situado em âmbito literário e na dramaturgia.

2.2.3 Abordagem biográfico-psicológica

Malik revela em RSK (1997) que o surgimento, em 1869, da edição dos primeiros diários (1833 a 1843) de Søren Kierkegaard, editada por Hans Peter Barfod (1834-1892), proporcionou o início do desvelamento dos aspectos biográficos e psicológicos kierkegaardianos, e. g., sua infância sombria, seu pai severo e sua introspectiva educação. A edição culminou no ano de 1879 com Hermann Gottsched (1830-1888) que concluiu o trabalho e publicou o restante dos diários, proporcionando novas discussões acerca do pensador de Copenhague. Essa abordagem biográfico-psicológica serviu como nova leitura ao *Corpus* kierkegaardiano e novo ponto de apoio aos “especialistas”, sendo seus principais difusores: Georg Brandes e Waldemar Rudin.

Georg Morris Cohen Brandes (1842-1927) foi crítico e acadêmico dinamarquês com grande influência na literatura escandinava. Está entre um dos grandes difusores dos escritos literários kierkegaardianos e contribuiu para despertar o interesse de pensadores e escritores acerca da escrita literária kierkegaardiana em vários países. Conforme observou Malik (1997) :

no de 1877 marcou um importante divisor de águas na história da recepção de Kierkegaard, deixando um impacto duradouro ao legado subsequente de Kierkegaard. Para começar, foi publicado pela Barfod a terceira parcela dos diários privados de Kierkegaard no ano de 1847. Apareceu também uma segunda edição dos nove *Øjeblikket* de Kierkegaard [...]. (RSK, 1997, p. 240, tradução nossa).

Após essa publicação dos diários Brandes apresentou seu livro¹⁵ sobre o dinamarquês, porém, de uma nova perspectiva: o plano crítico e psicológico de ataque biográfico. Com esse tema ele isolou três pontos principais na vida do

¹⁵ Segundo Malik (1997) o livro de Brandes (1877) sobre o dinamarquês foi traduzido para: sueco em 1877 e o alemão em 1879, tcheco em 1904 e relançado em alemão em 1902. Brandes, também lecionou literatura na Europa Oriental e na Rússia proporcionando a divulgação do pensamento do danês nesses locais. O legado de Kierkegaard por intermédio de Brandes reverberou em vários países como foi o caso do Japão, por meio da Literatura que foi traduzida para o japonês; por meio de Miguel de Unamuno (1864-1936) que se tornou um importante transmissor do pensamento kierkegaardiano ao introduzi-lo na Espanha.

dinamarquês, ou seja, sua relação com o pai; seu compromisso com Regine; e seu confronto com o jornal satírico intitulado “O Corsário”¹⁶.

O interesse de Brandes com essa nova abordagem era inibir a popularidade kierkegaardiana, por isso disseminou a leitura crítica psicológica, que atacava a biografia do danês. Segundo Malik, em RSK, p. 249, “Brandes também se destacou por ter descoberto o ‘indivíduo único’ de Kierkegaard (*grifo nosso*), ‘a pérola mais preciosa que ele havia trazido à sua época’”. Brandes é reconhecido por também “descobrir” Friedrich Nietzsche, no final da década de 1880, com quem trocou correspondência acerca do dinamarquês:

There is one Scandinavian writer whose works would interest you, if only they were translated: Søren Kierkegaard. He lived from 1813 to 1855, and is in my opinion one of the profoundest psychologists that have ever existed. A little book I wrote about him (translated, Leipzig, 1879) gives no adequate idea of his genius, as it is a sort of polemical pamphlet written to curb his influence. But in a psychological respect it is, I think, the most subtle thing I have published. (RSK, 1997, p. 254).

Brandes também estabeleceu paralelos entre a obra kierkegaardiana e a escola romântica alemã, contribuindo para que o danês fosse associado no futuro a esse movimento literário.

Waldemar Rudin (1833-1921) foi professor de teologia e tradutor do danês, enfatizando a “validade universal” e a categoria “religiosa-existencial” kierkegaardiana para o protestantismo em geral e para a igreja sueca em particular.

2.2.4 Interpretações subjetivista e irracionalista

Malik, em RSK (1997), observou que nos primeiros vinte e cinco anos após a morte de Søren Kierkegaard ocorreu um crescimento constante de interesse pelo pensamento kierkegaardiano na Escandinávia e na Alemanha, que tendia a se dividir em duas grandes categorias, i. e.:

- 1) ou se concentrava no estudo de fases específicas de sua vida, desenvolvimento e escrita;
- 2) ou tentou uma visão mais ambiciosa, mas, ao fazê-lo, adotou um plano restrito de abordagem, ditado geralmente por certos

¹⁶ Sobre tal contenda ver Stewart, 2015, p. 195 a 200.

preconceitos pré-assumidos, e isso, por sua vez, precipitou reações igualmente tendenciosas no extremo oposto.

Nesse ínterim, destacamos o filósofo e teólogo dinamarquês Harald Høffding (1843-1931) por sua contribuição ao legado kierkegaardiano ao escrever o livro (1892) *Søren Kierkegaard som Filosof*¹⁷ (S.K. como filósofo). Neste livro, Harald Høffding fez uma análise crítica das obras kierkegaardianas no tocante à filosofia, à teoria do conhecimento, à ética, às etapas e ao salto. Também situou o danês em âmbito filosófico e histórico (S/C) trazendo à luz seu endividamento teológico e filosófico por seus contemporâneos, i. e.: Schleiermacher, Trendelenburg, Hegel e Schelling. Além de abordar as influências de seus contemporâneos Heiberg, Martensen, Sibbern e Poul M. Møller; sendo estes dois últimos os influenciadores do dinamarquês, respectivamente dos conceitos da verdade como subjetividade e o paradoxo.

Conforme Malik, “A pesquisa de Høffding tornou-se a primeira de seu tipo a avaliar consistentemente os vários pensadores e idéias contribuindo às futuras pesquisas¹⁸ sobre a formação filosófica kierkegaardiana [...]”. (Cf. RSK, 1997, p. 322). Entretanto, Høffding veio a estabelecer que o danês não estava interessado em compreensão empírica ou racional, mas a meios irracionais a fim de validar sua afirmação de que “a verdade é a subjetividade”.

Ao confundir a categoria de subjetividade de Kierkegaard com o subjetivismo bruto, Høffding estava desmascarando a sua própria propensão para com o último. Ironicamente, essa confusão manifestou-se na maneira como ele entendeu a relevância da afirmação de Kierkegaard “Verdade é Subjetividade” para sua própria vida. A subjetividade aqui parece que implicava uma forma de relativismo pessoal para Høffding, ao qual ele se apegou e atribuiu a Kierkegaard. (RSK, 1997, p. 324, tradução nossa).

¹⁷ Nessa dissertação será objeto de estudo, o livro de Harold Høffding, *Søren Kierkegaard*. Madrid, 1949 [1892].

¹⁸ Conforme Malik, RSK, 1997, o filósofo hermenêutico alemão, Wilhelm Dilthey (1833-1911), veio a conhecer e estudar as Obras de Søren Kierkegaard, por intermédio do livro de Høffding (1892) traduzido por Christoph Schrempf em (1896). Dilthey apresentou em 1899 *Archiv für Geschichte der Philosophie*, resenha do livro de Høffding (1892) no qual fez severas críticas sobre a leitura deste sobre a obra kierkegaardiana, pois Høffding deveria ter feito “uma investigação minuciosa das várias ‘possibilidades de vida’ (Lebensmöglichkeiten) que são produzidas pelos estágios kierkegaardianos e sua importância para a existência pessoal”. Outro filósofo que foi influenciado por Harald Høffding foi William James (1842-1910) filósofo e psicólogo americano conhecido como fundador do pragmatismo e por seus escritos religiosos. William James convidou Høffding para dar uma palestra em Havard sobre pragmatismo, empirismo radical e pluralismo. Høffding iniciou a palestra usando a frase kierkegaardiana “a vida é vivida para a frente, mas entendida para trás”. Apesar de William James ter chamado o dinamarquês de pluralista e irracionalista, esse conhecimento sobre Søren Kierkegaard, via Høffding, foi importante para o entendimento de James de experiência e empirismo radical.

Høffding também sustentou que o danês era um psicólogo e deu-lhe a alcunha de filósofo da melancolia com propensão à reflexividade dialética. Nesse diapasão, Høffding, implicitamente e erroneamente, equiparou a subjetividade kierkegaardiana ao subjetivismo, e, não obstante, essa concepção foi a que acabou sendo decisiva para certas variedades do existencialismo surgido no século XX.

2.2.5 Período de “boa recepção”

Para Malik, o período de “boa recepção” ocorreu pelo interesse de intelectuais franceses por Søren Kierkegaard, em âmbito acadêmico, além de ter sido inserido em pesquisas filosóficas e teológicas em solo alemão. Esses fatores proporcionaram uma mudança de eixo sobre as pesquisas do *Corpus* kierkegaardiano que passaram a ter mais elaboração técnica consubstanciadas por homens de elevada estatura.

Conforme Malik, o período de “boa recepção” sucedido na França via academia ocorreu por intermédio de estudos acadêmicos realizados no início do século XX: 1) Victor Deleuran, que em julho de 1897, submeteu uma tese sobre Søren Kierkegaard na Faculdade de Teologia Protestante, na Universidade de Paris; 2) Henri Delacroix (1873 - 1937), na Sorbonne, no início 1900, escreveu um artigo para a prestigiada *Revue de Métaphysique et de Morale*, no qual negou a Søren Kierkegaard o título de filósofo devido a ter escolhido "o absurdo, a fé e renúncia" em detrimento à razão, à ciência e ao progresso; 3) Victor-Guillaume Basch (1863-1944) professor da Sorbonne que, em 1903, fez um longo estudo do individualismo religioso de Søren Kierkegaard para a Grande Revue; 4) Jules Hoch, em 1902, mencionou na Grande Revue o filósofo alemão Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), mais conhecido como Max Stirner, como o precursor do individualismo kierkegaardiano.

No caso do período de “boa recepção” surgido na Alemanha, Malik acredita que esse movimento se deu pela "busca por soluções ao legado deixado pelo Positivismo-cientificista, Socialismo Marxista que tinham reação contrária o Simbolismo e o Expressionismo".

[...] eles se esforçaram para libertar o espírito humano através de uma reafirmação da individualidade, personalidade e liberdade e o despertar

de um sentimento de reverência e admiração. Este novo impulso estético rapidamente uniu forças com as filosofias da intuição que já lutavam contra o mecanicismo e concepções em biologia. Filosoficamente também, uma tendência que se tornaria conhecida como a fenomenológica o movimento estava tomando forma, principalmente através dos primeiros trabalhos de Edmund Husserl. (RSK, 1997, p. 354, tradução nossa).

Malik também observou que o naturalismo, socialismo, historicismo e um tecnologismo em proliferação fizeram com que escritores e intelectuais tivessem no pensador de Copenhague uma forma de se impor às restrições impostas por essas correntes à liberdade individual. A aproximação desses intelectuais ao dinamarquês ocorreu de maneira original por cada um deles, sendo que os resultados foram diversos: o filósofo Rudolf Kassner (1873-1959) com seu artigo de 1906, "*Søren Kierkegaard Aphorismen*", estimulou o filósofo e historiador literário húngaro marxista György Lukács (1885-1971) a escrever seus ensaios sobre Kassner e Kierkegaard, respectivamente. O escritor Franz Kafka¹⁹ (1883-1924) teve o interesse pelo pensador de Copenhague predominantemente no âmbito biográfico, principalmente, em torno de suas relações com Regine Olsen e do noivado rompido pelo danês. Nesse ínterim, na Alemanha três fatores contribuíram à divulgação do *Corpus* kierkegaardiano, i. e.: a) a revista filosófica e poética austríaca chamada *Der Brenner*²⁰ (DB) que era destinada aos intelectuais europeus no início do século XX cuja divulgação ocorria quinzenalmente; b) o Círculo *Der Brenner* (CDB) que foi um ponto focal da cultura e fermentação intelectual em Viena na qual vários pensadores europeus participaram desse ambiente; e c) surgiram traduções mais confiáveis que as traduções de Christoph Schrempf²¹ feitas pelo escritor e crítico cultural alemão Theodor Haecker²².

¹⁹ Para mais informações observar: Jean Wahl, *História del existencialismo – seguido de discusion y Kafka Y Kierkegaard*, p. 79 a 122.

²⁰ Habib C. MALIK, *Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought*, p. 370 a 391, fez uma descrição histórica do periódico *Der Brenner* e do Círculo cultural, literário e filosófico *Der Brenner*.

²¹ Conforme Malik em RSK, 1997, Christoph Schrempf (1860-1944) teólogo e filósofo alemão foi um importante tradutor das obras kierkegaardianas que "durante os anos de 1909 a 1922 atuou como editor geral da primeira edição alemã, da *Gesammelte Werke* de Søren Kierkegaard, compilada em doze volumes. Contudo Schrempf foi arbitrário e agiu de maneira descuidada, nessas traduções, tomando aliberdade de aparar, alterar ou reestruturar o texto ao seu gosto".

²² Theodor Haecker (1879-1945) escreveu em 1913 o livro *Søren Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit*, que foi disponibilizado posteriormente no periódico DB, bem como mediante suas traduções Søren Kierkegaard passou a ser considerado como pertencente à corrente principal da tradição religiosa protestante.

O periódico DB tornou-se a pedra de toque à divulgação do *Corpus* kierkegaardiano. Quando em 1914, as obras do pensador de Copenhague, traduzidas por Theodor Haecker, foram aceitas no DB e tiveram repercussão positiva no CDB, possibilitaram a difusão no continente europeu do *Corpus* kierkegaardiano em âmbito literário, teológico e filosófico.

Malik, também trouxe à luz em RSK, 1997, que Theodor Haecker teve nesse período um crescente número de leitores católicos, os quais procuraram reivindicar Søren Kierkegaard pela tradição católica. O mais notável deles foi o jesuíta Erich Przywara, cujo livro *das Geheimnis Kierkegaards* (1929) girou em torno da sugestão provocativa de que o pensador de Copenhague era realmente um católico. Em contrapartida, após a Primeira Guerra Mundial, Søren Kierkegaard estava no centro de uma revolução na Teologia protestante, principalmente pela influência do teólogo protestante Karl Barth que era firmemente ancorado no repúdio kierkegaardiano à teologia especulativa do século XIX. Esses fatores vieram a corroborar, em meados da década de 1920, à “boa recepção” kierkegaardiana no mundo de língua alemã. Teremos posteriormente como escopo de pesquisa a interpretação alemã (teológica protestante e filosófica), que será objeto de estudo no próximo capítulo.

2.3 Considerações

Ao estudarmos o panorama histórico e filosófico da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano ocorrido no século XIX e início do século XX, observamos como característica distintiva uma fragmentação inicial de seu legado. Conforme Stewart em KE, 2016, p. 16, “uma explicação para esse aspecto singular da sua recepção é que existe algo de indeterminado ou aberto nos escritos de Kierkegaard”. Corroborando a esse entendimento encontramos:

Uma visão unificada e abrangente de Kierkegaard em sua totalidade dada a natureza variada e sistemática de seu pensamento como uma constante inalterável, juntamente com o fato de ele ter servido a diferentes propósitos pessoais, literários, intelectuais, filosóficos e teológicos para diferentes pessoas, a resposta é provavelmente negativa. (RSK, 1997, p. 394, tradução nossa).

Entretanto, apesar dessas indeterminações e falta de unificação do pensamento kierkegaardiano ora apresentados, vislumbramos um ponto em comum dessa fragmentação inicial, tendo por peculiaridade: leituras carregadas de preconceitos que proporcionaram acento negativo à recepção e interpretação do *Corpus* e constituíram “modos de leitura” distanciados do pensamento literário, teológico e filosófico kierkegaardiano. Nesse contexto, entrevemos que a gênese constitutiva daquilo que Malik veio a chamar de “má recepção” foi o ataque de Søren Kierkegaard à “cristandade” do clero dinamarquês, tendo por consequências o ataque e vilipêndio deste à obra e a pessoa do danês. Além disso, surgiram pensadores que utilizaram as categorias kierkegaardianas para satisfazerem seus interesses pessoais, propiciando erros de interpretação acerca da vida e da produção literária kierkegaardiana, e. g.: apropriação literária indevida e modificação das categorias kierkegaardianas por Henrik Ibsen; abordagem biográfico-psicológica por Georg Brandes procurando denegrir a imagem do danês, além de associá-lo ao romantismo alemão; e o fato do filósofo dinamarquês Harald Høffding ter classificado Søren Kierkegaard como irracionalista e subjetivista. Foi esse contexto, que Malik denominou de “má recepção”, que deu acento aos fatores negativos à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano.

Todavia, também houve no processo de fragmentação do *Corpus* um crescente interesse pelo pensamento teológico kierkegaardiano na Escandinávia, aportando posteriormente em solo alemão e vindo a estabelecer o pensador de Copenhague na esteira teológica protestante. Nesse contexto, a literatura kierkegaardiana obteve interesse por intelectuais na Alemanha, Suécia, Tchecoslováquia, Europa Ocidental e Rússia, sem contar no Japão, mediante Miguel de Unamuno. Corroborando com estes fatores positivos, ocorreu a divulgação das obras kierkegaardianas, via periódico artístico e filosófico *Der Brenner* e o *Círculo Cultural Der Brenner*, além do surgimento de traduções mais confiáveis ofertadas pelo tradutor alemão Theodor Haecker.

Malik denomina essa fase de “boa recepção”. Ela começa na Alemanha, por intermédio da recepção teológica, com o surgimento da neo-ortodoxia protestante e com intelectuais que procuravam uma solução ao legado deixado pelo Positivismo-cientificista e Socialismo Marxista. Depois aporta na França, estabelecida nas primeiras décadas do século XX, onde estudos acadêmicos

proporcionaram uma incipiente formação epistêmica sobre o *Corpus* kierkegaardiano.

Esses caminhos apresentados sobre a historiografia da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano vêm a corroborar a persecução à resposta do problema descrito na introdução dessa dissertação, a saber, “Qual foi o fato gerador das diversas recepções e interpretações sobre o *Corpus* kierkegaardiano nos séculos XIX e XX? O primeiro modo possível de responder a essa questão é “que no processo de formação do *Corpus* kierkegaardiano estabelecido nos séculos XIX e XX, houve erros de interpretação que vieram a estabelecer modos de leitura sobre as obras do danês”, o que nos permitiu entender parcialmente a razão da diversidade de recepções, pois o panorama histórico apresentado, ao identificar as possíveis causas de tal diversidade, limitou-se até as duas primeiras décadas do século XX. Resta-nos, ainda, sondar o segundo modo possível de responder a essa questão, a saber, (b) “que no século XXI, com os novos aparatos críticos e o surgimento de estudos de reconsiderações acerca de visão padrão estabelecida, veio a constituir “nova leitura” a respeito de assuntos fixados sobre o *Corpus* Kierkegaardiano”. Sem adentrarmos nesse segundo modo de compreensão do problema, o primeiro permanece sem complemento, deixando uma lacuna. Essa só será propriamente preenchida pelas vertentes alemã (teológica protestante e filosófica), francesa existencialista, anglo-saxã e brasileira, que serão apresentadas nos próximos capítulos.

3 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO ALEMÃ

A recepção e interpretação alemã kierkegaardiana foi motivada por: a) questões religiosas e teológicas-políticas; b) procura de solução ao legado deixado pelo Positivismo-cientificista e Socialismo Marxista que anularam o individualismo; c) interesse filosófico pelas categorias kierkegaardianas. Além disso, vislumbramos que houve no século XXI o surgimento dos mencionados estudos de reconsiderações acerca de contemporâneos kierkegaardianos que possibilitaram novas formas de leitura sobre o *Corpus*. Isto posto, conjecturamos a abordagem dessa recepção mediante três temáticas, i.e., teológica protestante, filosófica e estudos de reconsiderações. Por conseguinte fixaremos como base de estudos sobre as recepções e interpretações teológicas protestante os teólogos Karl Barth (1886-1968) e Paul Tillich (1886-1965); sobre as recepções e interpretações filosóficas, os filósofos Karl Jaspers e Martin Heidegger; e sobre os estudos de reconsiderações os realizados acerca dos contemporâneos kierkegaardianos: Schleiermacher, Trendelenburg e Hegel. Para tanto optamos como objeto de investigação a respeito da abordagem teológica *Kierkegaard's Influence on Karl Barth's Early Theology* (2014) que fornece uma importante pesquisa a respeito da apropriação de Karl Barth sobre alguns conceitos kierkegaardianos; e *Kierkegaard's Influence on Theology Tome I: German Protestant Theology* (2016) - *An Ambivalent Appropriation* que abordou as complexidades da apropriação de Søren Kierkegaard por Paul Tillich.

Referente à abordagem filosófica alemã, será objeto de pesquisa os livros: Kierkegaard não era um homem sério - *Sobre três alemães que leram Kierkegaard*, de Álvaro Valls (2019); *História Del Existencialismo* – seguido de Discussion Y Kafka Y Kierkegaard, 1960 [1947] e *As Filosofias da Existência*, (1962) [1954], obras escritas pelo filósofo francês Jean Wahl. Além de *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, 1975, Vol. 1 e 2, do professor Thomas Ransom Giles. Relativo aos estudos de reconsiderações utilizamos: Porta²³ (2005) *Zurück Zu Kant! Adolf Trendelenburg, a superação do idealismo e as*

²³ Mario PORTA, Estudos Neokantianos, p. 15 a 44. Porta em 2005 publicou o *Zurück Zu Kant! Adolf Trendelenburg, a superação do idealismo e as origens da filosofia contemporânea* que veio a compor o Estudos Neokantianos de 2011.

origens da filosofia contemporânea; Jon Stewart (2016) *Kierkegaard and His German Contemporaries - Schleiermacher Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him*²⁴ e Jon Stewart (2003) *Kierkegaard relations to Hegel reconsidered*.

Buscando demarcar um caminho temático que nos serve como diretriz, estabelecemos para esse terceiro capítulo seis subdivisões: 1) A influência kierkegaardiana na teologia dialética de Karl Barth; 2) Søren Kierkegaard no “método de correlação” de Paul Tillich; 3) Karl Jaspers e a Filosofia da *Existenz*; 4) Martin Heidegger e as categorias kierkegaardianas; 5) Estudos de reconsiderações; e 6) Considerações.

3.1 A influência kierkegaardiana na Teologia Dialética de Karl Barth

Karl Barth foi teólogo protestante considerado o criador da teologia dialética do século XX na qual ressaltou o sentido existencial do cristianismo, buscando reintegrá-lo à base bíblica de doutrina da revelação e da fé. Observamos a influência do pensador de Copenhague na teologia dialética barthiana quando este, ao escrever sua Epístola aos Romanos (1919), apropriou-se e utilizou-se dos conceitos kierkegaardianos - Comunicação indireta, Paradoxo e Instante.

[...] A simultaneidade mais impressionante do pensamento entre Barth e Kierkegaard ocorre em suas relações de compreensão dos conceitos de Comunicação indireta, Paradoxo e O Instante. Barth aprendeu esses conceitos em Kierkegaard antes de escrever Romanos (Sic) enquanto lia *Prática do Cristianismo*, *O Instante* e *A Antologia*. Ele se apropriou desses conceitos para reforçar sua Teologia Dialética. (KIK, 2014, p. 206, tradução nossa).

O livro kierkegaardiano *Prática do Cristianismo* (1850) foi o que mais influenciou Karl Barth, sendo escrito sobre o pseudônimo Anti-Climacus que afirmava que todos os problemas da cristandade resultam do desconhecimento da impossibilidade de comunicação no cristianismo. “O erro fatal da cristandade estabelecida reside em negar que Cristo aparece na comunicação indireta” (KIK, 2014, p. 220).

Observamos que a comunicação indireta kierkegaardiana teve por base que o aparecimento de Cristo à Humanidade ocorreu de forma indireta, pois segundo o danês “não era possível ao homem conhecê-lo em sua glória

²⁴ Jon STEWART and all. Schleiermacher: Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him, p. 197-222.

diretamente”. (Cf. KIK, 2014, P. 218). Por esse motivo propôs sua comunicação indireta como a única forma de se conhecer o Cristianismo. Nesse contexto, Søren Kierkegaard estipulou que suas obras seriam apresentadas de duas maneiras: por meio de seus pseudônimos²⁵ e por sua própria pena.

A categoria kierkegaardiana de Paradoxo, conforme KIK, 2014, p. 224, coloca Cristo como “o próprio paradoxo que a história nunca pôde digerir, sendo que há dois aspectos paradoxais nele”: a) Cristo é um paradoxo porque torna-se realidade para mim somente quando tem contemporaneidade; b) para Søren Kierkegaard, todas as questões sobre a existência são apaixonadas e Cristo é o paradoxo absoluto²⁶.

O conceito kierkegaardiano de Instante foi relacionado como o salto para a fé em que tempo e eternidade se cruzam.

de acordo com o Anti-Climacus, Instante significa o presente como aquilo que não tem passado nem futuro, e precisamente nisso a imperfeição da vida sensual. O eterno também significa o presente como aquilo que não tem passado e sem futuro, e esta é a perfeição do eterno. (KIK, 2014, p. 226, tradução nossa).

Nesse diapasão, conforme KIK, 2014, o livro *Prática do Cristianismo* (1850) foi o que mais influenciou Karl Barth, pois forneceu os conceitos que se tornaram arcabouços para o pensamento teológico barthiano. Corroborando a constituição teológica de Karl Barth, observamos uma das críticas kierkegaardianas ao cristianismo que se pregava na Dinamarca, conforme KIK, “Uma pessoa deve entrar no reino dos céus através de muitas tribulações. Mas a ênfase está oculta nos sermões de pregadores ansiosos por ganhar dinheiro” (2014, p. 218).

O cristianismo é transformado em ensinamento; esse ensinamento é proclamado a uma pessoa que acredita que é tão somente o que o

²⁵ Kierkegaard criou 23 pseudônimos que foram utilizados, principalmente, em suas obras estéticas, além de utilizá-los em algumas obras religiosas. Destaca-se que o danês empregou os pseudônimos a fim de comunicar-se com seus leitores mediante dois propósitos: a) distanciar os leitores da autoridade do autor para incitá-los a meditar sobre a existência e a verdade religiosa; b) impedir que os leitores considerassem suas obras como um sistema filosófico. (Cf. KIK, 2014, p. 208).

²⁶ KIK, 2014, observou que nesse sentido apresentado acerca do paradoxo kierkegaardiano percebe-se que a compreensão humana não é suficiente para entender a Cristo e que surgiu uma questão temporal causando a necessidade de entender a Cristo, no agora. Também observou o surgimento da questão da subjetividade no entendimento da religião que não coaduna com o entendimento da ciência que é por natureza objetiva.

ensino diz. Então a próxima etapa é "compreender" esse ensino, e o que essa filosofia faz. Tudo isso seria inteiramente adequado se o cristianismo fosse um ensinamento, mas como não é, tudo isso está totalmente errado. Fé em um sentido significativo está relacionado ao Deus-homem. Mas o Deus-homem, o sinal de contradição, nega a comunicação direta - e exige fé. (KIK, 2014, p. 221, tradução nossa).

Interessante ressaltar que o pensamento kierkegaardiano sobre a fé vai de encontro ao pensamento hegeliano no qual o cristianismo se torna um sistema, conforme KIK,

“A filosofia de Hegel contribuiu apenas para um cristianismo racionalizado, onde ninguém pode ser ofendido por Cristo. Para o Anti-Climacus, no entanto, o cerne da questão não é entender racionalmente o que é o cristianismo, mas tornar-se essencialmente um cristão”. (KIK, 2014, p. 223)

3.1.1 Kierkegaard em Epístola aos Romanos

A posição de Karl Barth em relação a Søren Kierkegaard, seja positiva ou negativa, não nega o fato de que o nome do danês aparece na primeira página de Epístola aos Romanos. Entretanto Barth não deu o devido crédito ao pensador de Copenhague, pois segundo KIK, p. 229, “sua atenção se restringia apenas ao que é importante para a interpretação do Novo Testamento”. Todavia, houve por parte de Barth alguns aspectos em comum ou correspondentes aos do pensador de Copenhague, os quais foram constatados por KIK nos seguintes pontos:

- a) Karl Barth em *Epístola aos Romanos* criticou duramente o cristianismo alemão e os estudiosos cristãos, o que lhe proporcionou comentários desairosos por parte dos homens de religião;
- b) Kierkegaard chama o cristianismo estabelecido de "Cristandade", enfatizando seus aspectos negativos, Barth usa o termo "Religião", no sentido neutro, mas "Religião" tem uma importância negativa quando aplicado ao cristianismo estabelecido;
- c) Karl Barth se apropria da teoria da comunicação indireta kierkegaardiana²⁷.

²⁷ Woo HOON, *Kierkegaard's influence on Karl Barth's Early Theology*, p. 230.

Outro tema que conduziu Karl Barth ao escrever Epístola aos Romanos foi a “crise permanente” da relação entre eternidade e tempo, Deus e humanidade, uma vez que “todo ser humano está sob dois tipos de crise”, ou seja, uma “diástase”. Nesta, há uma diferença ou separação entre Deus e os seres humanos no qual existe o perigo de não entender Deus; e que o ser humano está sob o julgamento de Deus. (Cf. KIK, p. 232). Outrossim, Karl Barth ao utilizar e apropriar-se de conceitos kierkegaardianos para desenvolver sua Teologia dialética, concomitantemente empregou a teoria da comunicação indireta kierkegaardiana com mais desenvolvimento e aplicação. Outra apropriação e desenvolvimento de conceitos kierkegaardianos por Karl Barth foi seu reconhecimento da tese de que “Cristo é entendido apenas como um paradoxo”. Sendo que em KIK, 2014, o termo “paradoxo” teve propostas diferentes entre ambos, e. g., “Enquanto Kierkegaard na Prática (Sic) aplica esse termo apenas a Cristo, Karl Barth o relaciona a uma situação em que Deus e a humanidade se encontram”. (Cf. KIK, p. 235).

Barth considera a fé como paradoxo, porque só se pode viver quando morre em Cristo. As pessoas pensam erroneamente que serão salvas em seus próprios méritos, mas isso não é verdade. Eles serão salvos quando crerem na fidelidade de Deus. Aqueles que recebem o paradoxo da fé entregam toda certeza humana, segurança e orgulho. Eles sabem que podem ser salvos somente pela graça. (KIK, 2014, p. 235, tradução nossa).

Outro termo kierkegaardiano do qual Barth se utilizou e se apropriou foi “O Instante” no qual, segundo KIK, 2014, tem um significado de “espera”, sendo que não é um momento no tempo, pois não pertence ao humano, mas apenas a Deus.

Após essa apresentação acerca de Karl Barth, será estudado a seguir o teólogo protestante Paul Tillich com o escopo de verificar como foi sua aproximação ao pensamento teológico de Søren Kierkegaard, além das características que ele veio a dar ao pensador de Copenhague.

3.2 Søren Kierkegaard no “método de correlação” de Paul Tillich

Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965) foi um teólogo protestante e um dos mais influentes filósofos da religião do século XX. Seu primeiro contato com obras kierkegaardianas foi na Universidade de Berlim durante os anos de

1905 a 1907, via traduções de Christoph Schrempf e posteriormente pelas traduções de Emanuel Hirsch (1888-1972). Paul Tillich foi influenciado pela filosofia positiva de Friedrich Schelling (1775-1854) o que foi evidenciado em seu doutorado (1910) e em sua licenciatura de teologia (1912), nos quais continuamente veio a referenciar o pensamento kierkegaardiano como contraponto à filosofia de Schelling.

Paul Tillich foi profundamente marcado por sua experiência na Primeira Guerra Mundial tendo o que veio a chamar de “virada existencial”²⁸, vindo ao final de sua carreira docente elogiar o pensador de Copenhague por seu foco na existência e creditando a Schelling a precursão do existencialismo kierkegaardiano. Paul Tillich foi professor de teologia em Marburg (1924) onde manteve contato com Karl Barth, Rudolf Bultmann e Martin Heidegger, os quais estavam se apropriando, à época, do pensamento existencial kierkegaardiano. No ano de 1929, já como professor de filosofia na Universidade de Frankfurt, foi escolhido como o “novo orientador”²⁹ do trabalho acadêmico de Theodor W. Adorno (1903–69), *“Kierkegaard: Konstruktion des Ästhetischen”* - Kierkegaard – Construção do estético – com o qual conseguiu sua habilitação em filosofia no ano de 1931. Paul Tillich mudou-se para Nova York, devido a uma contenda com o Estado, vindo a ser professor acadêmico com interesse na psicologia em detrimento do pragmatismo e empirismo prevalecente nos departamentos de filosofia americanos.

Esse foi o momento que a ansiedade e o desespero kierkegaardianos foram retomados por Paul Tillich e utilizados para constituir seu “método de correlação”, i. e.:

Por quase 55 anos ele se situou na fronteira entre a tradição cristã e os movimentos culturais e intelectuais modernos. Ele sempre procurou mediar entre as questões culturais e as respostas religiosas, ou entre a forma cultural de um fenômeno e sua substância religiosa. Isso deu origem ao “método de correlação” que estruturou seu projeto teológico ao longo de sua vida. Significativamente, a paixão de Tillich em identificar pontos de contato entre o cristianismo e a cultura era muito diferente do desejo de Kierkegaard de diferenciar o cristianismo autêntico da cristandade. (KIT, 2016, p. 141, tradução nossa).

²⁸ Paul Tillich em suas “Reflexões autobiográficas” creditou a Kierkegaard o reforço de sua própria orientação existencial, que havia sido enraizada em sua interpretação de Friedrich Schelling em sua segunda dissertação de doutorado de 1912. (Cf. KIT, 2016, p. 452).

²⁹ Theodor W. ADORNO. *Kierkegaard – Construção do estético*, p. 13.

Contudo, a literatura secundária sobre Paul Tillich se divide em interpretações diversas quanto a sua apropriação de Søren Kierkegaard, ou seja, enquanto umas mostram haver maior continuidade no pensamento de ambos, outras demonstram haver um aspecto disjuntivo:

- 1) Aquelas que defendem a continuidade de Tillich com Kierkegaard citam como evidência a “virada existencial” de Tillich após a Primeira Guerra Mundial e sua confiança na recusa de Kierkegaard em fundir a existência com ser essencial;
- 2) Aquelas que defendem uma disjunção entre Tillich e Kierkegaard apontam para o compromisso de Tillich com a ontologia e a reflexão sistemática;
- 3) Aquelas que concedem essas últimas objeções à confiança de Tillich em Kierkegaard, mas então sugerem que essas objeções não invalidam as semelhanças discernidas pelo primeiro grupo de intérpretes³⁰.

Todavia, encontramos em KIT, 2016, declarações positivas de Paul Tillich de sua apropriação kierkegaardiana: em suas reflexões autobiográficas; na sua utilização do conceito de existência do *danês*; na percepção de que Søren Kierkegaard tornou o existencialismo possível; por sua descoberta da psicologia dialética; ao mencionar livros do *danês*, após ler as traduções de David Swenson (1876-1940) e Walter Lowrie³¹(1869-1959); no uso explícito de conceitos Kierkegaardianos em suas obras; ao associar o *danês* à teologia existencial; e ao definir a paixão e o interesse infinito kierkegaardiano como pré-requisito para descrever o objeto da teologia.

Em contrapartida também aparece em KIT, 2016, severas críticas de Paul Tillich ao pensador de Copenhague tais como: o pensamento dicotômico kierkegaardiano e sua recusa da ontologia; o “salto” que parecia uma escolha sem critérios que poderia levar ao voluntarismo irracional; a insuficiência dialética kierkegaardiana que enfatizava exageradamente o momento negativo; e que o pensador de Copenhague teria separado Deus da humanidade de forma

³⁰ KIT, 2016, p. 351.

³¹ Conforme KIT, 2016, os livros que Paul Tillich veio a se referenciar sobre o *danês* foram: *O Conceito de Ansiedade, A Doença até a Morte, Ou / Ou, Temor e Tremor, Discursos Edificantes, Fragmentos Filosóficos, O Instante e Pós-Escrito Conclusivo às Migalhas Filosóficas*.

não dialética, ao sucumbir a um dualismo ontológico que cortou o laço entre Deus e a humanidade.

De acordo com Tillich, Kierkegaard, como Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872), se opôs à introdução de movimento de Hegel nas formas lógicas. Isso se justificava na medida em que Hegel entendia a temporalidade humana como a imagem em movimento dessa dinâmica dialética dentro do Absoluto. No entanto, Hegel, de acordo com Tillich, estava certo ao dizer que o significado genuíno da eternidade não é atemporalidade; Hegel, como Schelling, percebeu que há movimento. Em um ensaio de 1956, Tillich resumiu muito de suas críticas a Kierkegaard. (KIT, 216, p. 360, tradução nossa).

Após essas abordagens a respeito da teológica protestante alemã de Karl Barth com sua teologia dialética e Paul Tillich com seu método correlacional, apresentaremos a seguir os estudos filosóficos de Karl Jaspers, com sua constituição de sua Filosofia da *Existenz*, e de Martin Heidegger com sua apropriação das categorias kierkegaardianas.

3.3 Karl Jaspers e a Filosofia da *Existenz*

O filósofo e psiquiatra alemão Karl Jaspers (1883-1969) estudou e trabalhou no hospital psiquiátrico da Universidade de Heidelberg (1909 a 1915) sendo docente desta no ano de 1921. (Cf. Giles, 1975, p. 149).

O contato de Karl Jaspers com os escritos kierkegaardianos ocorreu no início do século XX na Alemanha, favorecido pelo surgimento de novas traduções em alemão de obras escritas pelo pensador de Copenhague³² e a divulgação e aceitação de obras kierkegaardianas no periódico *DB* e no *CDB*. Esses fatores foram substanciais para que as obras do danês chegassem a Karl Jaspers, conforme observou Malik:

Sabemos que Martin Heidegger (1889-1976) assinou *Der Brenner* a partir de 1911, tornou-se um admirador ardente da poesia de Georg Trakl e tornou-se um bom amigo de Ficker nos últimos anos. Também sabemos de uma carta escrita a Ficker por um jovem estudante de Husserl, Hans Jaeger, que Husserl leu *Der Brenner* regularmente e gostou dos ensaios de Haecker. Da mesma forma, Karl Jaspers (1883-1969) leu *Der Brenner* em seus primeiros anos, com o resultado de

³² Álvaro VALLS, *Kierkegaard não era um homem sério*, p. 116 e 117, informa quais eram os títulos das obras kierkegaardianas que estavam disponíveis aos alemães, além das traduções feitas por Theodor Haecker.

que sua análise histórica das principais categorias kierkegaardianas apareceram em 1919 sob o título *Psychologie der Weltanschauungen*. (RSK, 1997, p. 347, tradução nossa).

Com isso, observamos que Karl Jaspers utilizou as categorias kierkegaardianas para constituir sua *Psychologie der Weltanschauungen* (1919), sendo posteriormente denotado por filósofos do quilate de Hannah Arendt e Jean Wahl, conforme apresentado:

“[...] do ponto de vista histórico, teria sido mais correto começar a discussão da filosofia da *Existenz* contemporânea com Jaspers. A *Psychologie der Weltanschauungen*, impressa pela primeira vez em 1919, é indubitavelmente o primeiro livro da nova escola”. (Arendt, 1993, p. 33).

- a) Jean Wahl informa que a grande contribuição de Karl Jaspers, em relação ao *Corpus kierkegaardiano*, foi ter adotado os termos “essência” e “existência” de Kierkegaard e por ter acrescentado o conceito de outro ao indivíduo existente. Além disso, acrescentou dois elementos em relação ao pensamento de Søren Kierkegaard no qual o indivíduo fica isolado perante Deus. O restabelecimento entre as sequências históricas em que se restabelece o indivíduo com suas gerações e a perspectiva da comunicação indireta kierkegaardiana, sendo possível, porém, como “comunicação em luta”.

Pelo exposto, observamos que Karl Jaspers explorou as categorias kierkegaardianas (Angústia, Desespero, Possibilidade, Repetição, etc.) em um contexto filosófico, vindo a ser aporte a sua construção filosófica. Nessa mesma esteira esteve Martin Heidegger em busca de constituir sua estrutura fenomenológica da existência daquilo que veio a chamar de *Dasein*. Com isso, as categorias da existência kierkegaardiana encontraram terreno fértil para serem exploradas por pensadores de renome internacional.

3.4 Martin Heidegger e as categorias kierkegaardianas

Na Alemanha, no início do século XX, houve um *turn* por intermédio do matemático Edmund Husserl (1859-1938) com seu “voltar às próprias coisas” e sua “consciência intencional”, dando origem à Fenomenologia. Não poderíamos

deixar de mencionar esta nova filosofia, pois E. Husserl foi mestre de Martin Heidegger (1889-1976), ainda que este, no início dos anos 1920, diastancia-se do pensamento fenomenológico de Husserl para constituir sua ontologia fenomenológica. Malik, em RSK (1997), definiu que o primeiro contato de Martin Heidegger com o pensamento kierkegaardiano foi por intermédio do periódico *DB*, do qual foi assinante entre o período de 1911 a 1954. Apesar dessa afirmação, a recente pesquisa do professor austríaco Gerhard Thonhauser (2016), da Universidade de Viena³³, trouxe um contraponto a Malik, informando que não encontrou evidências históricas de que Martin Heidegger teria lido alguma obra do pensador de Copenhague mediante *DB*, tampouco pelas traduções de Theodor Haecker. Ademais, Gerhard Thonhauser observou que:

Heidegger interessou-se por Søren Kierkegaard após estudar a obra de Karl Jaspers, *Psychologie der Weltanschauungen*, de 1919, redigindo mesmo, entre 1919 e 1921, 44 páginas críticas sobre esta obra como todo, e em especial sobre o '*Referat Kierkegaard*' que ali se encontra. (Cf. KHS, 2019, p. 156).

Também demonstrou que Martin Heidegger veio a denotar o pensador de Copenhague em alguns de seus trabalhos posteriores, também em três notas de rodapé em *Sein und Zeit - Ser e Tempo* (1927), i.e.:

- a) “Ao final do parágrafo 40 Kierkegaard é mencionado logo após Agostinho e Luter [...]”;
- b) “no contexto de *Dasein* e Temporalidade (parágrafo 45), à questão da '*existentiell*' (e não '*existential*') [...]”;
- c) “parágrafo 68, o qual trata da temporalidade da abertura geral [...]”.³⁴

Mediante essas informações supra apresentadas, inferimos nesse trabalho que há duas possibilidades de pesquisa sobre o início do contato de Martin Heidegger com as obras kierkegaardianas, a saber, por intermédio de Malik em RSK (1997) e Gerhard Thonhauser (2016).

³³ Álvaro VALLS, *Kierkegaard não era um homem sério*, p. 130, observa que Gerhard Thonhauser em sua tese de doutorado, *Ein Rätselhaftes Zeichen. Zum Verhältnis von Martin Heidegger und Søren Kierkegaard*. Berlin: De Gruyter, 2016 (*Kierkegaard Studies Monograph Series*, vol. 33) “propôs uma nova compreensão das primeiríssimas apropriações do escritor religioso dinamarquês pelo pensador e professor de Friburgo e Marburgo”.

³⁴ Álvaro VALLS, *Kierkegaard não era um homem sério*, p. 158-159.

Após trazer à tona esse pano de fundo de “reconsideração histórica”, faremos a seguinte interpelação: Qual foi o motivo que levou Martin Heidegger a se interessar pelas obras de Søren Kierkegaard? Para responder a esse questionamento, iremos usufruir das pesquisas kierkegaardianas realizadas pelos catedráticos Jean Wahl e Thomas Giles.

Jean Wahl perscrutou que Martin Heidegger buscou estabelecer uma ontologia fenomenológica imbricada no questionamento filosófico de saber “qual o significado do ser”. Conforme Heidegger *apud* Wahl, 1960, p. 21, “o ser dos homens era a única possibilidade do ser que se tem o contato verdadeiro”, sendo que Jean Wahl veio dois anos mais tarde a completar essa afirmação heideggeriana, conforme descrito:

Heidegger pensa que o problema filosófico essencial, e até mesmo o único problema filosófico, é o problema do ser, e se ocupou, em *Sein und Zeit* (O Ser e o Tempo), da existência, é porque pensa que é passando pela nossa existência que poderemos alcançar o ser. Mas é o ser que é o objeto essencial do filósofo, e ele quer ser não um filósofo da existência, mas um filósofo do ser. (FE, 1962, p.10).

Esta busca pela compreensão do ser propiciou a Martin Heidegger a percepção de que o ser encontra-se no tempo “*L'existence est temporalité, et sur ce point Heidegger plus encore qu'à Husserl ou à Bergson, se rattacher à l'enseignement de Kierkegaard*”. (Cf. EK, 1967 [1938], p. 266).

Jean Wahl fez sua distinção entre as filosofias de Søren Kierkegaard e Martin Heidegger:

[...] La filosofía de Heidegger pretende distinguir-se de la filosofía de Kierkegaard precisamente en este punto: mientras Kierkegaard no sale de lo existencial en tanto que destino individual de soledad y desamparo, Heidegger alcanza lo existencial en tanto que suma de los caracteres generales de la existencia humana”. (HDE, 1960, p. 33).

Temos outro ponto de vista em Thomas Giles, quando este estabelece que Martin Heidegger fixou sua ontologia fenomenológica mediante um ser que está no mundo e faz parte de uma historicidade (Cf. HEF, 1975, p. 212, vol. 1). Giles também declarou que Martin Heidegger, no início dos anos 1920, procurou desvincular-se da fenomenologia husserliana com a finalidade de partir para a vida real (*das faktisches Leben*), i. e.:

[...] um dos passos mais importantes na viragem (sic) que Heidegger dará à fenomenologia será a sua desvinculação do idealismo das *Idéias* (sic), caracterizadas pelas intenções transcendentais, para partir da vida real (das faktisches Leben). Será esse o elemento axial da obra do primeiro Heidegger, e o fulcro para o rompimento com Husserl, como simultaneamente o elemento que sacode perigosamente toda fenomenologia transcendental, pois problematiza a radicalidade da redução transcendental de Husserl. (HEF, 1975, p. 202, vol 1).

Ademais, Thomas Giles informou que Martin Heidegger, para constituir sua ontologia fenomenológica, “explorou” mediante um registro transcendental e ontológico as categorias kierkegaardianas que compunham aquilo que veio a chamar de “estrutura ontológica da existência do Ser-aí (*Dasein*)”, i. e.:

Todavia, o *Ser e Tempo* apresenta uma análise preliminar. Nele Heidegger não fala ainda do próprio Ser, mas se limita a explorar todo campo das estruturas ontológicas da existência do Ser-aí. É nesse ponto, aliás, que intervém a influência decisiva de Kierkegaard (grifo nosso), mas é importante notar que os temas kierkegaardianos (Angústia, Possibilidade, Repetição, Decisão, etc.) são imediatamente transpostos para um registro transcendental e ontológico, pois representam para Heidegger estruturas do Ser-aí, que é, ele próprio, uma estrutura eminentemente ontológica. De tal modo que, embora utilizando as categorias kierkegaardianas, a fenomenologia ontológica se opõe frontalmente à Filosofia da Existência no nível do vivido e do concreto. (HEF, 1975, p. 213, vol 1).

Por conseguinte, tem-se como uma resposta possível à pergunta supra formulada, que as categorias kierkegaardianas da existência³⁵ foram utilizadas por Martin Heidegger em um registro transcendental e ontológico na busca pelas estruturas ontológicas da existência do *Dasein*.

Entretanto, observamos que o filósofo de Königsberg superou e deixou a fenomenologia nas décadas de 1940 e início de 1950, além de, conforme HEF, p. 248, vol 1, “abandonar a linguagem kierkegaardiana, existencial e mesmo antropológica, que ele tentava transpor em *Ser e Tempo*”. Esse fato ocorreu devido “o acento colocado na preocupação para o Ser passar para a linguagem, novo centro da relação Ser-homem, pois o Ser se abre, se exterioriza, se exprime”. (Cf. HEF, 1975, p. 247, 248 e 249). Portanto, concluímos que a recepção e interpretação do *Corpus* Kierkegaardiano realizada por Martin Heidegger ocorreu por intermédio das categorias kierkegaardianas cotejadas em

³⁵ Não se pretende afirmar, nessa dissertação, que Martin Heidegger utilizou somente as categorias kierkegaardianas da existência para compor sua “estrutura ontológica da existência do Ser-aí”, porém optou-se pelo estudo de Thomas Giles (1975) como “Background” para responder à pergunta formulada neste subitem.

um registro “transcendental e ontológico” para constituir a estrutura ontológica da existência do Ser-aí (*Dasein*). Ademais teve como subproduto: a) proporcionar mais elaboração técnica às categorias do danês; b) mais divulgação do pensamento kierkegaardiano; c) que as categorias kierkegaardianas fossem cotejadas em uma construção filosófica, não ficando adstritas apenas aos propósitos estabelecidos — literário e religioso.

Após essas abordagens filosóficas consubstanciadas em Karl Jaspers e Martin Heidegger, partimos a seguir para explicitar o surgimento de novas perspectivas acerca de Søren Kierkegaard por intermédio de reconsiderações do ambiente sócio-cultural que tanto o influenciou em âmbito teológico e filosófico.

3.5 Estudos de reconsiderações

Conforme Porta (2002), “O devir filosófico assemelha-se à marcha do caranguejo: avança enquanto retrocede”. Com esse escopo, iremos apresentar três estudos de reconsiderações³⁶ que questionaram as leituras pré-estabelecidas acerca do pensador de Copenhague ou trouxeram novas perspectivas filosóficas sobre o *Corpus kierkegaardiano*. Eles correspondem a três pensadores alemães, contemporâneos do pensador de Copenhague: Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831); Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) e Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872).

3.5.1 Friedrich Schleiermacher

Friedrich Schleiermacher foi pregador em Berlim na Igreja da Trindade e professor de Filosofia da Teologia na Universidade de Berlim, à vista disso sua obra tramitou pela filosofia, teologia, filologia e tradução. Ademais, foi o primeiro

³⁶ Partimos do entendimento que o surgimento de novos aparatos críticos contribuíram aos estudos de reconsiderações acerca do *Corpus kierkegaardiano*, conforme Søren KIERKEGAARD, *A Repetição*, 2009 [1843]. Nota editorial de José Miranda Justo, p. 25, “atualmente os dois mais importantes centros de investigação kierkegaardiana, o Søren Kierkegaards Forskningscenter da Universidade de Copenhague e a Hong Kierkegaard Library no St. Olaf College em Northfield (MN, EUA).

a traduzir as obras de Platão³⁷ para o alemão, o que lhe proporcionou honras acadêmicas na Alemanha e Dinamarca³⁸. Todavia, esse reconhecimento acadêmico não prosperou por muito tempo, pois Schleiermacher tornou-se “desinteressante” com o advento da filosofia de Hegel e do hegelianismo. Também contribuíram para esse desinteresse: a) Harald Høffding em *Søren Kierkegaard som Filosof* (1892) trouxe um estudo sobre Schleiermacher, dando prioridade a contrapor sua filosofia teológica; b) Karl Barth dirigiu esforços para que Schleiermacher não tivesse o devido crédito às futuras gerações por intriga a sua teologia.

Conforme Malik, 1997, p. 70, Søren Kierkegaard conheceu os escritos de Schleiermacher por intermédio de H. L. Martensen e F. C. Sibbern, bem como foi encontrado no acervo particular da biblioteca do danês três livros de Schleiermacher³⁹. Outrossim, observamos que o pensador de Copenhague fez várias referências a Schleiermacher:

[...] existem cerca de 94 referências ou alusões a Schleiermacher na autoria como um todo. Elas se dividem em 36 referências ou alusões a Schleiermacher em *The Concept of Irony* (Sic), 23 nas outras obras publicadas e cerca de 35 nos artigos, diários e cadernos. (RKR, 2007, p. 203).

RKR, 2007, informa que Schleiermacher contribuiu à formação intelectual de Søren Kierkegaard em questões filosóficas por ter trazido à luz o pensamento de Platão e Sócrates, e por intermédio de questões teológicas, segundo sua Teologia dogmática, conforme descrito, e. g.:

Schleiermacher influences the work of Kierkegaard decisively in at least three ways: by providing a model for indirect communication, by transmitting the Plato corpus and the figure of Socrates as philosopher, and by developing a system of dogmatic theology in which Christian faith begins and ends with the self-awareness of Christian existence. (RKR, 2007, p. 222).

³⁷ Conforme STEWART, 2007, p.198, “Entre as obras filosóficas, Kierkegaard possuía a tradução de Schleiermacher das obras de Platão (1817-1828) e a edição Ludwig Jonas (publicada postumamente) da *Dialética* (1839)”.

³⁸ Jon STEWART, 2007, p. 197, “Friedrich Schleiermacher fez uma viagem pela Escandinávia que o levou a Copenhague, de 22 a 29 de setembro de 1833, [...] sendo altamente festejado, recebeu honras acadêmicas, manteve conversas privadas com luminares culturais e com estudantes, e pregou no Vor Frue Kirke. Todavia, na presente pesquisa, não encontramos nada que pudessemos afirmar que Kierkegaard tenha conhecido pessoalmente Schleiermacher, nessa oportunidade.

³⁹ Jon STEWART and all - The Auction Catalogue of Kierkegaard's Library, páginas 13-14 e 45.

Importante ressaltarmos que o livro (2007) Kierkegaard and His German Contemporaries, Tome II: Theology - artigo *Schleiermacher: Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him*, publicado, posteriormente, em 2016 na Routledge e disponibilizado na seção de Teologia, trouxe uma pesquisa robusta acerca de Schleiermacher. Porém observamos que não foi objeto de pesquisa nesse livro a hermenêutica de Schleiermacher, que foi um aspecto importante de sua filosofia, conforme destacou Porta:

Se a filosofia contemporânea finca suas raízes na “Volta a Kant”, em que consiste isso? Em sua expressão mais geral, em uma volta ao ponto de vista da finitude, correlata ao abandono de toda pretensão de “Absoluto”, “saber especulativo” e “Sistema”. Essa reorientação possui inicialmente, com Schleiermacher, uma inequívoca motivação religiosa. Não obstante, não será o aspecto teológico do pensamento deste autor o que estará de forma direta no primeiro plano de sua recepção imediata, senão duas derivações de tal aspecto: sua “dialética” (alternativa da hegeliana) e sua “hermenêutica”. O que foi dito é particularmente claro em um de seus mais influentes discípulos, Adolf Trendelenburg. (PORTA, 2011 [2005], p. 18-19).

Essas informações trazem a possibilidade da realização de uma pesquisa com a finalidade de verificar se houve na abordagem filosófica kierkegaardiana algum traço da Hermenêutica de Schleiermacher, contudo tal empreitada desviaria dos rumos pretendidos nessa dissertação. Dando continuidade aos “estudos de reconsiderações”, deteremos-nos agora a um filósofo que foi discípulo de Schleiermacher, o já mencionado F. A. Trendelenburg, que também exerceu influência sobre o pensamento de Søren Kierkegaard.

3.5.2 A influência de Friedrich Trendelenburg sobre Søren Kierkegaard

F. A. Trendelenburg foi aluno de Hegel e Schleiermacher e tornou-se professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim, sendo uma figura emblemática do início do século XIX que contribuiu para a formação do pensamento teológico e filosófico kierkegaardiano⁴⁰. Tal fato foi observado pelo filósofo dinamarquês Harald Høffding, o qual foi o primeiro a fazer um estudo sobre a influência de Trendelenburg em Søren Kierkegaard, i. e.:

⁴⁰ Observamos que no acervo particular da biblioteca de Kierkegaard foram catalogados oito livros de Trendelenburg que estão descritos em *The Auction Catalogue of Kierkegaard's Library*, 2016, p. 197-200.

Trendelenburg foi o primeiro a fazer uma crítica epistemológica ao método especulativo e em suas *Investigações Lógicas* (1840) desenvolveu uma teoria crítica do conhecimento, que exerceu influência sobre o pensamento de Kierkegaard. Kierkegaard (sic), em seus Pós-escritos não científicos, apresenta Trendelenburg como 'um homem pensante saudável, favoravelmente influenciado pelo espírito grego', e em seus artigos póstumos chega a dizer: 'Não há nenhum filósofo moderno de quem eu tenha recebido tanto benefício a partir de Trendelenburg'. (HØFFDING, 1949 [1892], p. 78, tradução nossa).

Todavia, observamos que após o estudo de Høffding sobre Trendelenburg houve um desinteresse acadêmico e teológico acerca deste que somente veio a ter o devido destaque no século XXI, na Alemanha em 2003 no primeiro Congresso sobre Trendelenburg⁴¹, onde foram apresentadas pesquisas visando as origens da filosofia contemporânea.

Importante estabelecermos que nesse subcapítulo o interesse sobre Trendelenburg gira em torno de seus pontos de vista que vieram a ser objeto de “estudos de reconsiderações”. Nesse contexto, observamos que F. A. Trendelenburg, ao ser utilizado nas pesquisas acadêmicas no século XXI, abriu novas possibilidades de estudos sobre fatos pré-estabelecidos ao pensador de Copenhague. Por conseguinte, na esteira dessa dissertação, viu-se o surgimento de novas leituras sobre o *Corpus* kierkegaardiano observadas a partir da influência trendelenburguiana acerca do pensamento filosófico do pensador de Copenhague.

3.5.3 A querela Kierkegaard e Hegel

Inicialmente deve-se esclarecer que a querela Kierkegaard e Hegel foi fixada pelo filósofo Niels Thulstrup (1980)⁴², o qual, ao estabelecer a relação do pensador de Copenhague para com Hegel, determinou uma unidade de crítica daquele sobre este, convergindo para consolidar um modo de leitura adotado pelos especialistas conforme:

A afirmação de Thulstrup da discórdia radical entre Hegel e Kierkegaard exerceu uma influência decisiva na literatura secundária e foi continuada acriticamente por muitos estudiosos da filosofia européia do século XIX. Hoje, muitos intérpretes veem como um caso

⁴¹ PORTA, *Estudos Neokantianos*, p. 22.

⁴² Niels THULSTRUP, *Kierkegaard's Relation to Hegel*, 1980.

estabelecido que Kierkegaard rejeitou tudo o que tem apenas o menor toque do hegelianismo. (KHR, 2003, p. 652, tradução nossa).

Entretanto, estudos de reconsiderações possibilitaram novas perspectivas a respeito desse tema. Conforme Stewart em KHR, 2003, há entre Hegel e Kierkegaard “pontos em comum”, e.g.: Kierkegaard usou a metodologia dialética de Hegel; os conceitos de “repetição”, a teoria dos estágios e o conceito de salto vieram originalmente de Hegel. Ainda, conforme KHR, p. 625, “O problema é que a maioria dos comentaristas não está em posição de julgar as críticas de Kierkegaard a Heiberg, Martensen, Adler e outros”, e. g.:

Martensen foi traduzido em sua própria vida e, posteriormente, foi mais ou menos esquecido; Heiberg não está disponível em inglês. Nenhuma das obras de outros hegelianos dinamarqueses, como Adler, Nielsen ou Stilling, já foi traduzida. Porém os estudiosos de Kierkegaard têm familiaridade suficiente com os escritos de Hegel para suspeitar da retórica aparentemente anti-Hegel. (KHR, 2003, p. 627, tradução nossa).

Corroborando a interpretação de que a querela se deu (ao menos mais diretamente) com relação a outros pensadores ao invés de Hegel, Jon Stewart em KHR (2003) observa que Søren Kierkegaard usou palavras-código como “*de omnibus dubitandum est*” ou “*cogito ergo sum*”, referindo-se a Martensen (quem usava essas expressões como *slogans*) e “a demanda da época”, referindo-se a Heiberg.

[...] as referências a Hegel como críticas codificadas a pensadores específicos na Dinamarca da Idade de Ouro, os intérpretes as consideraram como referências diretas ao próprio Hegel. Essa visão ficou arraigada por inúmeros comentários, trabalhos de referência e estudos na literatura secundária, que erroneamente identificaram essas críticas com passagens específicas nos textos principais de Hegel. Assim, surgiu o mito sobre a polêmica de Kierkegaard com Hegel, uma polêmica que nunca existiu, pelo menos não na forma direta em que geralmente é apresentada (*grifo nosso*). Na falta de conhecimento das figuras pouco conhecidas que constituíam o hegelianismo dinamarquês, esse mito prosperou e se tornou a base do quadro caricaturado da história da Europa, um pensamento dos séculos XXI e XX, que descrevi acima. (KHR, 2003, p. 626-627, tradução nossa).

Outra possibilidade em torno da querela Kierkegaard e Hegel, foi o questionamento de Stewart em KHR, 2003, sobre a tradição filosófica ter classificado o pensador dinamarquês como filósofo. Søren Kierkegaard parece não ser um filósofo no sentido da palavra do século XIX, e nem queria ser um, sendo que sua concepção de filosofia era baseada na filosofia grega, pois era

mais próxima de sua própria concepção do cristianismo (Cf. Stewart, p. 640-642).

A classificação de Kierkegaard na história da filosofia continental do século XIX a famosa 'crítica' de Kierkegaard à Hegel foi entendida em grande parte parcialmente por causa da classificação equivocada de Kierkegaard como filósofo. (KHR, 2003, p. 648, tradução nossa).

Entretanto, Stewart, em KHR, observa que “essa rejeição sobre tudo o que tem apenas o menor toque do hegelianismo” não se sustenta, pois em sua tese histórica conseguiu averiguar a quem se dirigia a crítica do danês, ou seja, se a Hegel, se aos hegelianos, ou à igreja dinamarquesa, conforme descreveu nos seguintes períodos, i. e:

A) Primeiro Período (1834-1843).

Nesse período observa-se a influência de Hegel e Heiberg sobre Søren Kierkegaard e uma crítica deste a Martensen, sendo que os textos mostram similitude nos seguintes aspectos: a) recepção ou apropriação positiva de algum aspecto do pensamento de Hegel; b) geralmente são desprovidos de polêmicas anti-Hegel ou são dirigidos contra hegelianos específicos, sobretudo Martensen, e não contra o próprio Hegel; c) são caracterizados pela relação geral positiva de Kierkegaard com Heiberg; d) parecem ter duas categorias principais, a saber, estética e satírica. (Cf. KHR, 2003, p. 603).

B) Segundo Período (1843-1846).

“A polêmica ostensiva com Hegel tinha muito pouco a ver com Hegel e estava principalmente preocupada com figuras como J. L. Heiberg, H. L. Martensen e A. P. Adler”. As principais características foram: a) conter pouca discussão ou crítica substantiva de sua filosofia; b) dificuldade de determinação de ruptura cronológica; c) é o nome de Hegel, e não o de Heiberg, Martensen ou Adler, que aparece nos textos; d) disposição negativa de Kierkegaard em relação a Heiberg. (Cf. KHR, 2003, p. 612).

C) Terceiro período (1847-1855).

Conforme KHR, 2003, esse período foi caracterizado por uma ausência ou falta de relação com Hegel, pois parece simplesmente que este deixou de ser um problema para Søren Kierkegaard, além da maioria dos trabalhos, desse

período, serem de natureza religiosa, culminando com uma polêmica intransigente contra H. L. Martensen e a igreja dinamarquesa.

A partir das observações descritas, não se pode definir que houve uma unidade de crítica do pensador de Copenhague para Hegel, conforme estabelecido por Niels Thulstrup e aceito pelos especialistas, mas existiu uma pluralidade de relações. De acordo com KHR, p. 617, “Assim, a relação Hegel-Kierkegaard é caracterizada por sua pluralidade [...]. Se alguém deseja falar sobre Kierkegaard e Hegel, então é obrigado a falar de relações”.

Com o supra apresentado, observamos que os estudos de reconsiderações corroboraram ao entendimento nessa dissertação do estabelecimento de visão padrão em relação ao *Corpus* kierkegaardiano em detrimento de outras leituras possíveis.

3.6 Considerações

Ao perscrutarmos as características distintivas da recepção e interpretação alemã do *Corpus kierkegaardiano*, encontramos dois momentos distintos: 1) primeira metade do século XX, onde percebemos uma mudança de rumos no tocante à interpretação desse *Corpus* em duas vias - teológico protestante e filosófico; 2) século XXI, onde estudos de reconsiderações sobre contemporâneos kierkegaardianos trouxeram novas possibilidades filosóficas de leituras sobre o *Corpus*.

Corroboraram a essa mudança de eixo sobre a recepção e interpretação do *Corpus* alguns acontecimentos no início do século XX: o surgimento de traduções mais confiáveis; aceitação das obras kierkegaardianas no periódico artístico e filosófico DB e no CDB; e o interesse de homens de elevada estatura nas categorias kierkegaardianas. *Ad interim*, o continente europeu passava por uma grave crise fruto das guerras mundiais que trouxeram vicissitudes e desalento à humanidade, proporcionando a atenção dos intelectuais à facticidade humana. Com isso, o pensamento subjetivo, o indivíduo único e as categoria da existência do pensador de Copenhague foram utilizadas como arcabouço intelectual em detrimento da tradição essencialista do pensamento alemão. Esses fatores serviram àqueles que procuravam se desvencilhar das

tramas da objetividade, as quais não respondiam às suas angústias e desespero. Nesse contexto, encontramos três vias possíveis de estudo pela classificação temática (teológica e filosófica) sobre a recepção e interpretação alemã, i. e: a) Teológica protestante, mediante Karl Barth e Paul Tillich; b) Filosófica, cujos expoentes foram Karl Jaspers e Martin Heidegger; c) Estudos de reconsiderações.

No contexto teológico mediante Karl Barth, este ao tentar estabelecer sua teologia dialética acabou por assimilar, apropriar-se e expandir os conceitos kierkegaardianos de comunicação indireta, paradoxo e instante. Corroborando a isso, em Karl Barth a comunicação indireta kierkegaardiana foi para o campo da ética cristã. Ele fez mudanças no conceito de irreconhecibilidade e no conceito de paradoxo da fé, além de estabelecer a contemporaneidade do Instante. Como consequência dessa construção de sua Dialética teológica, mediante conceitos kierkegaardianos, Karl Barth propiciou ao *Corpus* kierkegaardiano alicerçar-se e evidenciar-se em uma leitura teológica protestante no continente europeu.

Na mesma esteira teológica, o alemão Paul Tillich definiu a dívida de Søren Kierkegaard para com a filosofia positiva tardia de Schelling “devido aquele ter utilizado as categorias deste contra Hegel”. Conforme KIT, 2016, o fio condutor que conectou o danês a Schelling foi a situação de estranhamento, ansiedade e culpa. Entretanto, para o pensador de Copenhague esse estranhamento vinha de um Deus que está fora e acima do indivíduo, isso assemelhou-se à teologia de Karl Barth e foi diferente da teologia de Paul Tillich, que foi ambivalente em relação ao danês. Essa ambivalência teve dois polos: a) positivo, em que Tillich corrobora com a análise kierkegaardiana do indivíduo que está no tempo e no espaço e que se sujeita às limitações da finitude, sendo que isso proporcionou o desenvolvimento dialético existencial kierkegaardiano. Essa abordagem existencial fez com que Tillich mantivesse a tendência de ler o pensador de Copenhague como psicólogo existencial, o que veio a ser referendado por muitos intérpretes que leram Søren Kierkegaard via Tillich. b) negativo, pois para Tillich o pensador de Copenhague se apegou à tradição dicotomista do pietismo luterano e confundiu as categorias de Schelling com esse pietismo, vindo a proporcionar uma preocupação a Tillich que “o salto” kierkegaardiano pudesse levar ao voluntarismo irracional.

No contexto filosófico encontramos Karl Jaspers na constituição de sua filosofia da *existenz*, realizando uma análise histórica das principais categorias existenciais kierkegaardianas que apareceram em 1919 em seu livro *Psychologie der Weltanschauungen*. Nessa mesma linha, o filósofo e historiador Jean Wahl afirmou que a contribuição de Karl Jaspers em relação ao *Corpus* kierkegaardiano ocorreu por este ter adotado os termos “essência” e “existência” de Søren Kierkegaard e por ter acrescentado o conceito de outro ao indivíduo existente.

O pensamento sobre as categorias da existência de Søren Kierkegaard foi explorado por Karl Jaspers também em um contexto acadêmico, tornando-se aporte intelectual a outros homens de pensamento. Nesse ínterim, outro filósofo que utilizou as categorias da existência do pensador de Copenhague foi Martin Heidegger, o qual fez a leitura do *Corpus* Kierkegaardiano com escopo de pesquisar suas categorias existenciais em um registro “transcendental e ontológico” com a finalidade de constituir sua estrutura ontológica da existência do Ser-aí (Dasein). Como resultado dessas abordagens filosóficas (filosofia da *existenz* e ontologia fenomenológica), a recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano foram colocadas em outro patamar no qual houve melhor elaboração técnica sobre as categorias kierkegaardianas ao serem utilizadas em contexto ontológico e existencial, conforme ocorreu ao longo do século XX.

Os estudos de reconsiderações acerca do *Corpus* kierkegaardiano, surgidos no final do século XX e início do século XXI, possibilitaram questionar ou trouxeram novas perspectivas sobre os modos de leitura pré-estabelecidos por intermédio de uma tradição. Vislumbramos que tais estudos foram possíveis devido ao fenômeno de uma globalização de informações, ao surgimento de novos pesquisadores com foco no pensador de Copenhague e à formação de um aparato crítico robusto em dinamarquês e inglês.

Logo, pelo exposto, podemos concluir que ao se estabelecer quais foram as características distintivas alemãs da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano na primeira metade do século XX encontramos duas vias, a saber, a teológica e a filosófica. Na via teológica encontramos uma neo-ortodoxia representada por Karl Barth com sua teologia dialética e com Paul Tillich, mediante seu “método correlacional”. Na via filosófica alemã houve um *turn* a respeito da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano, pois foi

despida dos erros de interpretações, oriundas do século XIX, sendo pautada por pensadores de elevada estatura que utilizaram as categorias da existência de Søren Kierkegaard, i. e.: Karl Jaspers na constituição de sua filosofia da *Existenz* e Martin Heidegger na elaboração de sua estrutura ontológica da existência do *Dasein*. Com isso, houve mais elaboração técnica das categorias kierkegaardianas e a divulgação do pensamento kierkegaardiano não ficou adstrito apenas aos propósitos estabelecidos — literário e religioso. Além disso, houve estabelecimento de estudos de reconsiderações acerca de contemporâneos kierkegaardianos, pautados no surgimento de aparatos críticos mais robustos, possibilitando um novo olhar sobre os modos de leitura pré-estabelecidos.

4 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO FRANCESA “EXISTENCIALISTA”

Este quarto capítulo tem por finalidade explicitar a recepção francesa existencialista, ocorrida no século XX, trazendo à tona sua origem, sedimentações, características e respectivas peculiaridades. À vista disso, essa investigação foi pautada nos seguintes livros: *Études Kierkegaardianas* (1967) [1938]⁴³, HDE (1960) [1947] e FE (1962) [1954], escritos por Jean Wahl; HEF (1975), vol. 1 e 2, escritos por Thomas Ransom Giles; e *Kierkegaard and Existentialism* (2016) escrito por Jon Stewart⁴⁴. Para tanto, buscando o melhor entendimento da recepção francesa existencialista, demarcamos esse quarto capítulo em três partes, i. e: 4.1) Recepção e interpretação francesa kierkegaardiana, que apresentará as origens da recepção e interpretação francesa kierkegaardiana escudado nos subitens - 4.1.1) Jean Wahl; 4.1.2) Kierkegaard e as filosofias existencialistas; e 4.1.3) Kierkegaard e o existencialismo. 4.2) Interpretações francesas existencialistas; e por fim 4.3) Considerações.

4.1 Recepção e interpretação francesa kierkegaardiana

Ao estudarmos a recepção francesa kierkegaardiana é importante esclarecermos que especialistas informam que houve um atraso de quase quarenta anos dessa recepção em relação à recepção e interpretação alemã⁴⁵. Creia-se, nessa dissertação, que não cabe uma crítica desse atraso de conhecimento, como fez e.g., Jean Beaufret⁴⁶, e sim sabermos qual foi o motivo que proporcionou tal recepção e interpretação. Nessa esteira encontramos dito em HEF (1975) que em solo francês o interesse pelas obras de Søren Kierkegaard foi primordialmente motivado por questões intelectuais, pois havia a necessidade de estudá-lo devido ao recente interesse em autores como Edmund Husserl e Martin Heidegger. Entretanto, Stewart escreve:

⁴³ Foi utilizado como objeto de pesquisa a 3ª edição de *Études Kierkegaardiennes* publicada em 1967.

⁴⁴ Jon STEWART, *Kierkegaard and Existentialism*, 2016, p. 393-408.

⁴⁵ Entretanto demonstramos no segundo capítulo, houve na França, no início do século XX, pesquisas acadêmicas sobre Søren Kierkegaard.

⁴⁶ Jean BEAUFRET, *Introdução às filosofias da existência*, p. 14.

Na verdade, na França, Kierkegaard foi amplamente apresentado aos franceses na sequência do sucesso pela cena artística dramática de Paris, por exemplo, o “Teatro Livre” [...] e não pelos professores das universidades [...]. (KE, 2016, p. 203).

Nesse diapasão, conforme KE:

A recepção francesa existencialista é fundada em uma dupla confusão: o Kierkegaard francês é o Kierkegaard dos chamados periódicos autobiográficos; e Kierkegaard é recebido através da Alemanha e é apresentado como um Kierkegaard alemão. (KE, 2016, p. 223).

Por esse contexto apresentado, optamos como fio condutor desse quarto capítulo — e como norte a ser seguido — a via intelectual da recepção e interpretação francesa existencialista, sendo o motivo pelo qual trouxemos à discussão um grande estudioso francês do *Corpus* kierkegaardiano, a saber, Jean Wahl.

4.1.1 Jean Wahl

Jean André Wahl (1888-1974) foi um filósofo que se destacou como eminente estudioso de Søren Kierkegaard ao publicar em 1938 o livro EK, que veio a ser um divisor de águas ao *Status Quaestionis* da recepção e interpretação francesa do *Corpus* kierkegaardiano, pois proporcionou o suporte intelectual necessário aos franceses que se interessaram pelo conhecimento e pesquisa acerca do pensador de Copenhague. Além do mais, mesmo existindo outros trabalhos a respeito do pensador de Copenhague⁴⁷, EK tornou-se anteposto às futuras pesquisas a respeito do pensador de Copenhague, i. e.:

- 1) Estabeleceu as interpretações da vida e do pensamento kierkegaardiano sobre questão biográfica-psicológica, as esferas da existência e a teoria da existência;
- 2) Utilizou trechos dos Diários pela primeira vez em solo francês;
- 3) Serviu de base aos filósofos que queriam elaborar uma crítica à filosofia racionalista, sendo utilizado o ponto de vista kierkegaardiano sobre a impossibilidade de um “Sistema”⁴⁸.

⁴⁷ Conforme demonstramos no terceiro capítulo, a tese de habilitação ao ensino superior de Theodor W. ADORNO, além dos estudos acadêmicos no final do século XIX e início do XX.

⁴⁸ Esse assunto será abordado com a devida relevância no sexto capítulo.

Por conseguinte, EK (1938) contribuiu expressivamente na divulgação do *Corpus* kierkegaardiano, além de contribuir à formação daquilo que Jean Wahl veio a designar como Filosofias da existência⁴⁹.

4.1.2 Jean Wahl e as Filosofias da Existência

Jean Wahl em FE (1962) procurou desvendar as articulações fundamentais e as estruturas do que veio a chamar de “Filosofias da Existência”, demonstrando que os termos: “Filosofia da existência”, “Filosofia existencialista” e “Existencialismo” foram usados indiferentemente, conforme descreveu, i. e.:

- a) Preferi a expressão “filosofia da existência” à palavra “existencialismo”⁵⁰ pela razão de que alguns dos filósofos mais importantes de que se quer falar, Heidegger e Jaspers em particular, não queriam ser qualificados de existencialistas.
- b) Por outro lado, há filósofos - Sartre, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir - que aceitam o título de existencialistas e que Gabriel Marcel⁵¹, de vez em quando, aceita que lhe chamem de existencialista cristão, e Lavelle e Le Senne não repudiam o termo “existencialismo”. Mas se quiserem adotar de um modo geral essa doutrina, seria preferível dizer “filosofia da existência”.
- c) Por outras razões, Kierkegaard, que está na origem de todas estas filosofias, recusaria o nome de filósofo da existência; não negaria a palavra “existência”, mas recusaria a palavra “filósofo”⁵².

Corroborando ao entendimento de Jean Wahl sobre a origem dos termos supracitados, Ribeiro, 2003, p. 40, descreveu a árvore genealógica - histórica e

⁴⁹ Jean WAHL, FE, 1962, p. 29, enfatiza que as Filosofias da Existência tiveram a seguinte evolução: 1855, morte de Kierkegaard; 1919, publicação da *Philosophie der Weltanschauungen*, de Karl Jaspers; 1927, publicação do *Journal Métaphysique*, de Gabriel Marcel, e de *Sein und Zeit*, de Heidegger; 1932, publicação da *Philosophie*, de Jaspers; 1943, publicação de *L'Être et le Néant*, de Sartre. Entretanto João Ribeiro, 2003, p.19, informa que “o primeiro filósofo a expor teses existencialistas foi Gabriel Marcel (1914) e por isso é considerado o primeiro filósofo existencialista”.

⁵⁰ Regis JOLIVET, 1975, prefácio, XII, tem o mesmo entendimento de Wahl no tocante ao termo existencialismo, bem como prefere o termo Filosofia da Existência.

⁵¹ Conforme KE, p. 22, o termo “existencialista” foi inserido nas discussões filosóficas francesas pelo pensador cristão Gabriel Marcel (1889-1973). Sendo que esse termo era vago em meados de 1944, pois o que prevalecia era o termo “Filosofia existencial” devido a Heidegger.

⁵² Jean WAHL, *As filosofias da existência*, p. 9-10.

temática - das doutrinas da existência, que foram estabelecidas pelo filósofo francês Emmanuel Mounier (1905-1950), i.e.:

- a) as raízes são a filosofia de Sócrates, dos Estóicos, de Santo Agostinho e de São Bernardo;
- b) o tronco é Kierkegaard, em Pascal e Maine de Biran;
- c) do caule, por meio da fenomenologia de Husserl, saem dois ramos principais e divergentes: de um lado, Nietzsche, Heidegger, Sartre; do outro, Gabriel Marcel e o personalismo de Mounier, junto de Karl Jaspers;
- d) múltiplos ramos entrelaçados formam um ramo maciço, em que se inscrevem Blondel, Bergson, Péguy, Scheler, Bonth, Berdraeff e Chestov.

Por conseguinte observamos que há várias possibilidades a respeito dos termos filosofia da existência, filosofia existencialista e existencialismo. Entretanto, encontramos nos estudos ora apresentados uma certa unanimidade de que o pensador de Copenhague esteja presente na origem das Filosofias da existência⁵³, sendo que nessa esteira Jean Wahl, em FE (1962), perquiriu as origens e derivações dos movimentos filosóficos surgidos durante as guerras mundiais, vindo a apresentar Søren Kierkegaard como a origem das chamadas filosofias da existência.

Jean Wahl publicou *Les philosophies de l'existence*, em 1954. Neste trabalho, ele retorna para a análise da existência. Wahl argumenta que a filosofia da existência existe por muitos séculos. Sócrates poderia ser considerado o primeiro filósofo da existência. No entanto, "é fato que somente no século XIX as filosofias que eram chamadas 'filosofias da existência' se afirmam". Wahl pesquisa a essência, origens, história e principais expoentes desse tipo de pensamento. Nesta investigação Wahl apresenta sua visão de Kierkegaard como a origem das chamadas "filosofias da existência" (grifo nosso), e ele menciona a importância de seu pensamento para sua antecipação da fenomenologia e vitalismo. (KE, 2016, p. 406, tradução nossa).

Apesar do consenso desse período de que Søren Kierkegaard foi o precursor das filosofias da existência, resta esclarecermos a origem do termo existencialismo, conforme será descrito a seguir.

⁵³ Além de Jean Wahl e Jon Stewart, também tem esse entendimento o filósofo francês Étienne Gilson (1997, p. 26).

4.1.3 Søren Kierkegaard e o existencialismo

Ao estudarmos qual foi a relação do existencialismo com o pensamento kierkegaardiano, primeiro devemos trazer à baila que estamos a esclarecer a corrente filosófica existencialista em detrimento do fenômeno sociológico e do movimento literário francês existencialismo, sendo que este, segundo Hannah Arendt, 1993, p. 14, “era diferente da filosofia da *Existenz*”.

Como descrevemos no segundo capítulo dessa dissertação, o *Corpus* kierkegaardiano necessitava de um homem de elevada estatura para que fosse difundido além da Dinamarca e que desse o devido crédito intelectual ao pensador de Copenhague. Esse fato veio a ocorrer no século XX por intermédio de Jean-Paul Sartre (1905-1980), o grande divulgador do termo “existencialismo”, que definiu:

[...] Qu'est-ce que signifie ici que l' existence précède l' essence? Cela signifie que l' homme existe d' abord, se rencontre, surgit dans le monde, se rencontre, surgit dans le monde, et qu' il se définit après. (Cf. Sartre, 1996 [1946], p. 29).

Observamos que o termo “existencialismo” foi gerado e consolidado na França e que o livro sartriano (1946) *L' existencialisme est un humanisme* possibilitou ampla repercussão e divulgação desse novo pensar filosófico, i. e.:

[...] Sartre escreveu, em 1946, o ensaio *O Existencialismo é um Humanismo*, que é um texto diferente do apresentado anteriormente, em uma conferência no Clube Maintenant, na Salle des Centraux, em 29 de outubro de 1945. É de se notar que a palavra *existencialismo* não foi escolhida por Sartre. Comenta Paul Johnson (1990: 254), que “é provável que tenha sido inventada pela imprensa. No mês de agosto precedente, quando lhe pediram para definir a palavra, Sartre tinha respondido: ‘Existencialismo? Não sei o que é. Minha filosofia é uma filosofia da existência’ (grifo nosso). Agora ele decidira adotar a palavra que os meios de comunicação tinham cunhado, e deu o seguinte título à sua palestra: ‘O Existencialismo é um humanismo’. [...] Isso coincidiu com o lançamento da nova revista de Sartre, *Les Temps Modernes*, na qual ele argumentava que a cultura literária e a *haute couture* eram as únicas coisas que haviam sobrado para a França – na verdade, um símbolo da Europa – e que ele inventara o Existencialismo (grifo nosso) para dar às pessoas um pouco de dignidade e preservar a individualidade das mesmas em meio a degradação e ao absurdo”. (RIBEIRO, 2003, p. 67-68).

Isto posto, Jean Paul-Sartre foi o grande responsável para que o termo “existencialismo” fosse reconhecido e consolidado em âmbito acadêmico, tendo

como principal aporte intelectual o filósofo de Copenhague. Nesse contexto, Søren Kierkegaard entrou pela primeira vez no Órganon filosófico vindo a ser referendado e “encaixado” pelos especialistas como precursor do existencialismo e da filosofia existencialista. Com isso, as leituras kierkegaardianas em âmbito francês passaram a ter acento no existencialismo e na filosofia existencialista em detrimento de outras leituras possíveis, e. g.: leitura ontológica fenomenológica heideggeriana ou dialética teológica de Karl Barth. Como resultado do interesse crescente no existencialismo e no pensador de Copenhague verificamos o surgimento de algumas interpretações francesas, conforme demonstraremos a seguir.

4.2 Interpretações francesas existencialistas

Como já exposto, a tradição francesa existencialista, independentemente de suas “doutrinas”, foi influenciada pelas categorias da existência, pelos Diários e interpretação biográfica psicológica kierkegaardianos, culminando no avanço internacional da recepção e interpretação do *Corpus* fixado na leitura existencialista estabelecida pelo cânone padrão da Filosofia. Além disso, em KE, 2016, observou-se que o pensador de Copenhague foi denotado pelos “existencialistas” em relação aos problemas reais da vida e da existência humana em detrimento à tradição filosófica alemã. Também seu estilo único e sua utilização de diversos gêneros (literário, filosófico, religioso) influenciaram pensadores do movimento existencialista, conforme serão descritos a seguir.

4.2.1 Simone de Beauvoir

Simone de Beauvoir⁵⁴ (1908-1986) foi escritora, filósofa, ativista política, feminista e teórica social francesa, tendo em sua filosofia e textos literários uma perspectiva filosófica e ética influenciada pelo pensador de Copenhague. Beauvoir ao ler o livro *Estágios no caminho da vida* (1845), escrito pelo pensador de Copenhague, observou que tal obra era uma precursora filosófica de sua

⁵⁴ KE, *A fundação feminista e apreciação de Kierkegaard*, p. 1 a 22.

própria perspectiva sobre a mulher. Também encontrou na categoria existencial kierkegaardina um aporte para formar sua tese sobre a mulher e por consequência tornou Søren Kierkegaard cada vez mais conhecido no ambiente intelectual francês.

4.2.2 Martin Buber

Martin M. Buber⁵⁵ (1878–1965) foi filósofo, escritor e pedagogo que fez reprovações à Kierkegaard:

na convicção fundamental de que o indivíduo único de Kierkegaard se relaciona essencialmente apenas para Deus, enquanto que ele se relaciona com qualquer esfera ou segmento da criação de Deus como a comunidade e a sociedade. (KE, 2016, p. 43, tradução nossa).

Além disso, Martin Buber fixou dois conceitos sobre fé, i.e.: 1) fé judaica, em que o indivíduo é primariamente um membro de uma comunidade; e 2) fé cristã, na qual o único indivíduo é aquele cuja fé é um ato de aceitação do que ele reconhece como verdade na qual existe uma descontinuidade para haver a conversão, um salto. (Cf. KE, p. 48 e 49). Conforme, KE, p. 52, “O legado de Buber que abre aos estudiosos de Kierkegaard recaiu na atenção da conceitualização de intersubjetividade especialmente no fundamento religioso”.

4.2.3 Albert Camus

Albert Camus⁵⁶ (1913-1960) franco-argelino, foi escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta. Segundo KE, p. 64 “Camus encontrou em Kierkegaard um modelo ideal para um existencialismo sem Deus”. Essa afirmação deve ser vista com reserva, segundo KE, p. 76, “quando cara a cara com a irracionalidade elementar da existência os existenciais confirmam que eles encontraram uma saída. Essa saída é religiosa e incomensurável com a razão”. Camus condenou Søren Kierkegaard por seu “suicídio filosófico” ao aceitar o “Absurdo” que veio a ratificar seu fideísmo religioso, porém foi aqui que

⁵⁵ KE, *Ninguém pode refutar Kierkegaard como Kierkegaard a si mesmo*, p. 33-62.

⁵⁶ Ibidem, *Muralha dentro de Deus*, p. 63-92.

Camus depositou seu interesse nesse ‘Absurdo’ que vai de encontro com a esperança, a resignação e a fé.

4.2.4 Michel Henry

Michel Henry⁵⁷ (1922-2002) foi filósofo e romancista francês pertencente à escola da fenomenologia do século XX, todavia com um viés, segundo KE, p. 129, “de reflexões em torno do ambiente imediato em que os fenômenos se apresentam para nós”. Segundo KE, p. 133, “Henry defendeu uma ontologia de Kierkegaard (grifo nosso) na conclusão de sua *Magnum opus* [...] quando procurou demonstrar a conexão entre o desespero e o núcleo afetivo do ser”.

É digno de nota os dois pares ontológicos implantados por Kierkegaard, a saber, psique/corpo e temporalidade/eternidade. Precisamente por essa razão, Henry interpreta Kierkegaard com referência à conexão entre a sexualidade humana e o surgimento do tempo. Para Henry, Kierkegaard vê a sexualidade como dando origem (através da ansiedade objetiva) à temporalidade. (KE, 2016, p. 142, tradução nossa).

Conforme KE, p. 140:

a relevância de Søren Kierkegaard para Henry deve-se principalmente por ter interpretado o desespero como a base afetiva do ser, além de ter chamado Kierkegaard de ‘o criador [inventor] de uma fenomenologia radical’, não hegeliana e não heideggeriana. (KE, 2016).

4.2.5 Gabriel Marcel

Søren Kierkegaard influenciou vários filósofos por seu pensamento sobre a existência, tornando-se inspiração às suas futuras construções filosóficas sobre esse tema, porém isto não foi o que aconteceu com o filósofo e dramaturgo francês Gabriel Marcel⁵⁸ (1889–1973). Apesar de terem em comum o diálogo socrático, houve propósitos diferentes em suas filosofias: o pensador de Copenhague utilizou a comunicação indireta e os pseudônimos como porta vozes pessoais, enquanto Gabriel Marcel escreveu de maneira dialética, inquisitiva e aberta e em suas peças os personagens não são seus porta vozes,

⁵⁷ KE, *A bondade de viver afetividade*, p. 127-154.

⁵⁸ Ibidem, *The Silence of Truth*, p. 199-216.

pois ele não usou pseudônimos. Gabriel Marcel procurou explorar em sua filosofia o significado de ser humano, ao passo que o pensador de Copenhague procurou o significado de ser cristão.

4.2.6 Jacques Maritain

Jacques Maritain⁵⁹ (1882-1973) foi filósofo e intérprete francês que se destacou por ser um elemento chave no renascimento tomista do século XX. Segundo KE, p. 221 “Kierkegaard tem papel significativo no pensamento de Maritain, porém ele não aparece em um contexto mais amplo do que poderia ser [...]”. Seu principal esboço sobre o pensamento do danês ocorreu em seu livro (1947) *Existência e o Existente* que é um ensaio sobre o existencialismo de Santo Tomás de Aquino e a Filosofia Moral (1960), situando o pensador de Copenhague dentro da história da filosofia moral ocidental. Para Maritain, Søren Kierkegaard funcionou como uma figura de transição entre Bergson e o pensamento de Tomás de Aquino e seu foco no singular foi central para o que Maritain chamou de reorientação da crise da filosofia moral. Ele sugeriu que o pensador de Copenhague fosse o responsável por reorientar a direção da filosofia ocidental no indivíduo e na subjetividade do indivíduo.

4.2.7 Maurice Merleau-Ponty

O filósofo fenomenólogo francês Merleau-Ponty⁶⁰ (1908-1961) destacou-se por seu estudo da percepção, tendo o próprio corpo como uma condição permanente da experiência constituinte da abertura perceptiva:

Para Merleau-Ponty, descobrir a fenomenologia nos textos de Hegel ou Kierkegaard, bem como analisar os programas fenomenológicos de Husserl ou Heidegger, não correspondem a detectar alguns “temas” filosóficos gerais, mas a se concentrar em método de contabilização de alguns problemas filosóficos como “espaço”, “tempo” e “Mundo”, que sempre nos interessa, uma vez que não podem ser pensados à parte da nossa experiência de vida. Esse é o sentido da tese principal da Fenomenologia da Percepção, para o qual “fenomenologia é uma filosofia que volta a colocar essências, e não espera chegar a um entendimento do homem e do mundo de qualquer ponto de partida que não seja o de sua ‘facticidade’”. (KE, 2016, p. 239, tradução nossa).

⁵⁹ KE, *Jacques Maritain – Kierkegaard como campeão do singular*, p. 217-232.

⁶⁰ Ibidem, *Kierkegaard's Influence on His Work*, p. 233-262.

O interesse de Merleau-Ponty pelo *Corpus* kierkegaardiano ocorreu na década de 1930 pela recepção francesa da fenomenologia alemã e posteriormente pelo interesse sobre a filosofia da existência (Cf. KE, p. 134). Neste contexto, dedicou-se aos problemas metodológicos da psicologia e psicologia experimental objetivando preparar sua dissertação sobre os temas da experiência corporal do mundo em percepção. Foi nas décadas de 1940 e 1950 que Merleau-Ponty retrabalhou a metodologia de Husserl e que Søren Kierkegaard surgiu a ele como o pensador que criticou o “pensamento objetivo”⁶¹.

o que tanto a percepção quanto o comportamento mostram é que os ‘fatos’ de nossa experiência não são uma coleção de sensações, nem são organizadas por um cogito puro sobreposta a eles. Antes, eles se ordenam espontaneamente através da criação de algumas ‘regras’ ou ‘estruturas’, pelas quais o fenomenólogo pode entender seu ‘significado’, ou seja, seu ‘sentido’ ou ‘orientação’ que é mais do que um fato contingente ‘de entrar’ nos outros e encenar seus atos, é o que Merleau-Ponty chama de ‘o metafísico no homem’. E é uma Metafísica ‘paradoxal’, pois visa descrever o surgimento do ser como um em si mesmo que é para nós. É nesse contexto que Kierkegaard⁶² aparece pela segunda vez - após o ‘Prefácio’ - na Fenomenologia da Percepção. (KE, 2016, p. 242, tradução nossa).

Søren Kierkegaard aparece novamente no livro *O Visível e o Invisível* (1961) no qual Merleau-Ponty dedicou uma parte ao desenvolvimento de uma ontologia, que considerava a totalidade e suas articulações, superando a Metafísica - categorias de substância, sujeito/objeto, causalidade - a fim de - desvendar um tipo diferente de ser, onde aparece o que chamamos de “matéria”, “espírito” e “Razão”. (Cf. KE, p. 251-252, tradução nossa).

4.3 Considerações

⁶¹ Conforme KE, p. 242, O pensamento “objetivo” (no sentido de Kierkegaard) é formado - pelo senso comum e pela ciência - o que finalmente nos leva a perder contato com a experiência perceptiva.

⁶² Segundo KE, p. 243, em particular, ele elogiou “a subjetividade no sentido kierkegaardiano, que não é mais uma região do ser, mas a única maneira fundamental de se relacionar com o ser, o que nos faz ser algo em vez de examinar todas as coisas em ‘objetivo’ pensamento e que, em última análise, não pensa em nada.

Ao estudarmos a recepção francesa existencialista ocorrida no final do século XIX e início do XX, encontramos duas vias dessa recepção, i. e.: a) mediante estudos acadêmicos predominantemente com interesses teológicos; b) via “Teatro livre” no qual foram utilizadas obras kierkegaardianas escritas para o teatro e conotação literária. Posteriormente a esse início de recepção, houve um crescente interesse dos intelectuais franceses sobre a fenomenologia husserliana e a ontologia fenomenológica heideggeriana. Tal fato corroborou para que o *Corpus* kierkegardiano que chegou à França fosse via Alemanha. Entretanto a interpretação francesa teve abordagem diferente da alemã, pois prevaleceu a leitura biográfica-psicológica; das esferas da existência; da teoria da existência; dos Diários; e uma crítica à filosofia racionalista, sendo utilizado o ponto de vista kierkegaardiano sobre a impossibilidade de um sistema hegeliano. Esse modo de leitura francês existencialista contribuiu para o “surgimento” do existencialismo, sendo que essa via filosófica proporcionou um *turn* à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano mediante Jean-Paul Sartre. Nesse diapasão, Søren Kierkegaard foi referendado pelos “especialistas” como precursor desse movimento filosófico, entrando pela primeira vez para o cânone da filosofia, ocupando esse lugar e em detrimento de leituras que o situariam diferentemente. Com isso, vislumbramos, nesse momento, o contexto histórico filosófico que ratificou a leitura padrão sobre o pensador de Copenhague. Tal fato demonstra novamente a utilização do *Corpus* kierkegaardiano conforme o interesse de seus interlocutores, porém agora colocando o pensador de Copenhague como o precursor de uma corrente filosófica, em detrimento de outros modos de leituras possíveis.

Todavia, observamos nessa pesquisa que a literatura secundária trouxe à luz que na França pensadores encontraram no *Corpus* kierkegaardiano um contexto sobre as necessidades e visões de mundo apropriando-se dessa nova forma de visão e vindo a corroborar com a difusão do pensamento kierkegaardiano colocado em seus interesses de pesquisa não ficando adstritos apenas a um modo de leitura, i.e.: a importância da mulher para a filosofia; a intersubjetividade no fundamento religioso; ontologia kierkegaardiana em uma conexão entre o desespero e o núcleo afetivo do ser; o significado de ser humano e ser cristão; na Filosofia moral; na Fenomenologia da Percepção.

Pelo supra apresentado, vislumbramos conforme o processo pelo qual o *Corpus* kierkegaardiano foi atrelado a uma corrente filosófica como uma possível resposta à problemática apresentada na introdução, i. e.: Que no processo de formação do *Corpus* kierkegaardiano estabelecido nos séculos XIX e XX houve erros de interpretação que vieram a estabelecer modos de leitura sobre as obras do danês. Sendo que nesse caso conjecturamos que o erro interpretativo recaiu em atrelar o pensador de Copenhague a uma tradição filosófica e conseqüentemente a um único modo de leitura de seu *Corpus* em detrimento dos outros modos de leitura possível.

Isto posto, fechamos a recepção e interpretação francesa existencialista que foi um *turn* para o legado e modo de leitura do *Corpus* kierkegaardiano, pois fixou um modo de leitura padrão deste, que veio a reverberar na filosofia anglo-saxã e brasileira, conforme descreveremos no quinto e sexto capítulos.

5 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO ANGLO-SAXÃ

Este quinto capítulo tem por objetivo explicitar a recepção e interpretação anglo-saxã sobre o *Corpus* kierkegaardiano, estabelecendo suas características e distinções, além de designar se houve pontos de contato com as vertentes já apresentadas. Com esse escopo pesquisamos o livro *Kierkegaard's International Reception Tome I: Northern and Western Europe* (2016) editado por Jon Stewart⁶³. Devemos observar que para falarmos da recepção e interpretação anglo-saxã sobre o *Corpus* kierkegaardiano há a necessidade de trazermos à discussão algumas considerações, apresentadas em NWE, p. 239 i. e.: 1) que o Kierkegaard que se mostrou atraente para os interessados no avanço modernista na arte e literatura era, muitas vezes, diferente daquele que falava com aqueles entusiasmados pela teologia dialética; 2) que a constituição intelectual e religiosa na Grã-Bretanha moderna era peculiar, em teologia⁶⁴ e filosofia⁶⁵, causando variações na recepção do *Corpus* Kierkegaardiano.

Após essas observações, estruturamos esse capítulo em quatro partes, i. e.: 1) Primeiros contatos - 1850 a 1914; 2) Período entre guerras mundiais a 1970; 3) Período de 1980 até início do século XXI; e 4) Considerações.

5.1 Primeiros contatos - 1850 a 1914

NWE, 2016, observou que os primeiros contatos da interpretação e recepção anglo-saxã do *Corpus* kierkegaardiano tiveram início na segunda metade do século XIX, finalizando nas duas primeiras décadas do século XX,

⁶³ *Kierkegaard's International Reception*; Tome I: Northern and Western Europe. Editado por Jon Stewart, 2016. Part II Western Europe - Great Britain: *From "Prophet of the Now" to Postmodern Ironist (and after)* George Pattison, p. 237-270.

⁶⁴ Conforme NWE, 2016, o presbiterianismo da Escócia significou que sempre houve uma abertura para as correntes da teologia protestante europeias contudo não ocorria o mesmo na Inglaterra. Da mesma forma, a forte tradição da Igreja Livre no País de Gales possivelmente forneceu um certo "ponto de contato" para alguns aspectos do pensamento de Søren Kierkegaard.

⁶⁵ Conforme NWE, 2016, o domínio da filosofia analítica, anglo-saxã, significava que Kierkegaard foi manchado com a suspeita prevalecente em relação à maior parte da filosofia continental que caracterizou a escola analítica. Embora nos últimos anos o *Corpus* kierkegaardiano tenha começado a ter interesse por filósofos vindos desta formação, especialmente na filosofia moral, geralmente só foi onde a filosofia continental foi reconhecida como um discurso filosófico legítimo em que o interesse por Søren Kierkegaard foi capaz de florescer na Filosofia anglo-saxã - o que torna sua recepção pelos filósofos talvez ainda mais irregular e episódico do que no caso dos teólogos.

com a eclosão da primeira guerra mundial. Esse período caracterizou-se por ser fragmentário e incipiente, não sendo suficiente para falar-se em reconhecimento de *Søren Kierkegaard* no mundo anglófono, apesar de seu *Corpus* ser encontrado principalmente, no século XIX, entre os teólogos nas traduções de romances e nos círculos literários atrelado como representante do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen e do filósofo Friedrich Nietzsche.

Contudo, a recepção religiosa sobre o pensamento teológico de *Søren Kierkegaard* nesse período foi mais substancial e mais positiva do que a agitação de interesse literário. Nesse contexto, destacou-se o teólogo Peter Taylor Forsyth (1848-1921), que foi reconhecido como um precursor da teologia dialética de Karl Barth, além da publicação do primeiro livro em Inglês acerca de *Søren Kierkegaard* (1911) *Sören Aabye Kierkegaard: A Study*. (Cf. NWE, 2016, p. 245). Forsyth aceitou as premissas cristãs dos trabalhos teológicos disponíveis acerca do pensador de Copenhague, porém fazendo algumas críticas a estes, i. e.: a) à sua imitação de Cristo; b) à natureza do pecado; e c) ao estabelecimento dos limites impostos pelo dâns à ajuda divina para aqueles que a desejavam.

Apesar desses relatos da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano, nesse primeiro período não houve uma presença substancial do pensador de Copenhague em âmbito anglo-saxão e conforme NWE, 2016, p. 246, “Nem há qualquer linha clara ou direta para a subsequente história da recepção de Kierkegaard na Grã-Bretanha, moldada por uma situação intelectual, cultural e religiosa”. Todavia, somente iremos encontrar uma mudança substancial nessa recepção anglo-saxã a partir de 1914, conforme descreveremos a seguir.

5.2 Período entre guerras mundiais a 1970

Ao estudarmos como foi a recepção e interpretação anglo-saxã ocorrida no período entre guerras até a década de 1970, encontramos o *Corpus* kierkegaardiano associado à Teologia dialética, à filosofia da existência e ao existencialismo. Por conseguinte, a recepção anglo-saxã foi oriunda de uma imagem padrão pré-estabelecida pela história da filosofia continental acerca do

pensador de Copenhague, i. e.: crítico do idealismo alemão; crítico de Hegel; fundador do existencialismo religioso ou mesmo do pós-modernismo e primeiro existencialista; além de pronunciar a psicologia existencialista e precursor de um determinado conceito de morte”. (Cf. KHR, 2003, p. 621).

O estímulo inicial, em solo anglo-saxão, para a divulgação do *Corpus* kierkegaardiano foi o contexto teológico, por intermédio de Karl Barth e pelos teólogos influenciados ou que reagiram ao *Corpus* kierkegaardiano. Corroborando a esse entendimento, destacou-se o teólogo escocês H. R. Mackintosh (1870-1936) ao apresentar, em 1937, um capítulo no qual o danês estava no mesmo patamar de Schleiermacher, Hegel, Ritschl, Troeltsch e Barth. Conforme NWE, 2016, Mackintosh instituiu o pensador de Copenhague, definitivamente, no campo teológico anglo-saxão como um pensador de primeira linha.

Em termos de igreja, Haecker, um leigo católico, abordou Kierkegaard com um conjunto de pressuposições muito diferente daquelas de Mackintosh. Para Haecker o maior significado em termos de recepção de Kierkegaard, sem dúvida, reside no Mundo de língua alemã, mas nos ensaios publicados na Grã-Bretanha em 1937, oferecem um ângulo distinto, talvez "católico", baseando-se nas meditações religiosas de Kierkegaard e em suas obras filosóficas. Assim, não foi com uma fé absurda, mas com amor que Haecker encontrou a chave para o pensamento de Kierkegaard. (NWE, 2016, p. 250, tradução nossa).

Agregada à recepção anglo saxônica kierkegaardiana, houve a publicação pela Oxford University Press de ensaios do tradutor Theodor Haecker, sob o título “*Søren Kierkegaard*”, que, inclusive, realiza importantes considerações sobre outros autores que fizeram parte desta recepção. À vista disso, observamos o afloramento de traduções e biografias acerca do pensador de Copenhague, i. e.: David Swenson, Alexander Dru, Walter Lowrie (1868-1959). Estes vieram a corroborar para que na década de 1940 um corpo sólido sobre a escrita kierkegaardiana fosse disponível em língua inglesa. Nesse contexto, Søren Kierkegaard entrou “na moda” sob a bandeira do “existencialismo” de Jean-Paul Sartre, vindo posteriormente a surgir estudos em solo anglo-saxão que relacionavam o pensador de Copenhague a esse novo pensar filosófico.

Conforme NWE, “nas décadas de 1940 e 1950 houve um aumento de senso de crise na cultura, pensamento e sociedade, com o que foi vivenciado

como um renovado senso de pecado, de ser uma ‘era de ansiedade’” (NWE, 2016, p. 256). Estes fatores fomentaram a divulgação da vida e obra de Søren Kierkegaard em âmbito anglo-saxão, sendo que o primeiro estudo filosófico significativo acerca do *Corpus* Kierkegaardiano foi realizado por John Heywood — *Subjetividade e Paradoxo de Thomas* (1957), tendo como principal objetivo demonstrar a contribuição do danês para a filosofia contemporânea da religião. Nesse decurso, observa-se o interesse de poetas, escritores e filósofos que incorporaram temas Kierkegaardianos: a) Ronald Grimsley (1915-2003) com seu estudo sobre o relacionamento de Søren Kierkegaard e a literatura francesa; e b) Patrick Gardiner (1922-1997) que apresentou o livro (1968) *Kierkegaard's Two Ways*.

Entretanto, em NWE (2016), observa-se que na década de 1960 até o início da década de 1980 o interesse pelo existencialismo e pelo pensador de Copenhague começou a arrefecer, proporcionando a sensação de que este e aquele movimento filosófico fossem algo passado e sem perspectivas futuras de interesse. Todavia, durante a década de 1980 até meados do século XXI houve uma melhor sorte na recepção do *Corpus* kierkegaardiano com novas perspectivas acadêmicas, novos aparatos críticos e o surgimento de novos pesquisadores, conforme descreveremos a seguir.

5.3 Dos anos 1980 até o presente

Observamos que no final do século XX e início do século XXI houve um crescente interesse por questões religiosas, éticas e culturais motivadas pelo fenômeno de uma “globalização” de informações, sendo que tais fatores propiciaram melhores condições à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano. Nesse contexto, encontramos alguns fatos e movimentações científico-acadêmicas que testemunham favoravelmente à relevância atribuída ao estudo acerca do pensador de Copenhague: a) estudos em instituições do quilate do St. Olaf College em Minnesota e o Centro de Pesquisa Kierkegaard da Universidade de Copenhague; b) participação de acadêmicos em conferências nacionais e internacionais; c) o surgimento da International Kierkegaard Commentary e o Kierkegaard Studies Yearbook; e d) um robusto

interesse de pesquisadores acerca do pensador de Copenhague - Harvie Ferguson, David Law, John Lippitt, George Pattison, Roger Poole, Hugh Pyper, Steven Shakespeare, Niels Nymann Eriksen, Ulrich Knappe, Adrian Van Heerden e Jolita Pons.

Nesse íterim de pesquisas acadêmicas, segundo NWE (2016), foi no ano de 1982 que surgiu o livro *“Kierkegaard”* escrito pelo britânico Robert Alastair Hannay, trazendo uma significativa contribuição filosófica à recepção e interpretação anglo-saxã kierkegaardiana, ao fixar Søren Kierkegaard não apenas como um parceiro de conversa para com Hegel, mas trazendo à luz a relevância de seu pensamento para as questões da filosofia moral kantiana. Além disso, Alastair Hannay possibilitou melhores traduções em inglês ao *Corpus* kierkegaardiano⁶⁶, foi coeditor do *Cambridge Companion to Kierkegaard*, e estabeleceu uma biografia intelectual kierkegaardiana evitando detalhes pessoais do danês e procurando colocá-lo em seu contexto intelectual.

Conforme NWE (2016), uma das características dos últimos vinte anos sobre a interpretação anglo-saxã acerca do *Corpus* kierkegaardiano é que suas dimensões literárias são proporcionais ao seu significado filosófico e teológico. Além dessas questões acadêmicas e da literatura anglo-saxã, surgiram artigos de jornal, transmissão de rádio e televisão, demonstrando uma aceitação do pensamento kierkegaardiano em solo anglo-saxônico. Dessa forma:

a visão de que a força e a profundidade da recepção acadêmica contemporânea de Kierkegaard em solo anglo-saxão reflete uma percepção que ele permanece, em algum sentido não trivial, uma figura contemporânea, cujo trabalho pode inspirar, provocar, irritar, intrigar e, para alguns, levar à fé. (NWE, 2016, p. 264, tradução nossa).

5.4 Considerações

Ao estudarmos a recepção e interpretação anglo-saxã do *Corpus* kierkegaardiano encontramos três fases distintas, i. e.: 1) uma recepção inicial surgida na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, onde prevaleceu o contexto teológico protestante, que encontrou

⁶⁶ Essa afirmativa deve-se ao fato de que, conforme Malik (1997), em 1923 apareceu o primeiro conjunto de traduções do *Corpus* kierkegaardiano na língua inglesa baseadas na edição alemã de Christoph Schrempf.

melhores condições culturais para que fosse recepcionado, diferentemente da questão filosófica, em razão da prevalência da filosofia analítica em solo anglo-saxão, o que se tornou um entrave inicial para a aceitação da filosofia continental. Nesse período também houve o interesse pela literatura kierkegaardiana, contudo não teve tanta capilaridade de interesse quanto a questão teológica; 2) uma segunda fase na qual a filosofia continental começou a ser aceita em universidades anglo-saxãs tendo por escopo inicial os estudos de Martin Heidegger, da Filosofia da Existência de Karl Jaspers e posteriormente do existencialismo de Jean-Paul Sartre. Essa fase contribuiu para a divulgação do pensamento filosófico kierkegaardiano vinculado ao existencialismo que despertou grande interesse em âmbito cultural e acadêmico anglo-saxão. Contudo, tal interesse pelo pensador de Copenhague e do existencialismo arrefeceu-se durante as décadas de 1960 a 1980, uma vez que deixaram de ser alvo substancial dos desejos acadêmicos, teológicos e culturais anglo-saxões; 3) uma terceira fase, que surgiu na década de 1980 e foi até o início do século XXI no qual houve uma volta ao pensador de Copenhague, em solo anglo-saxão, motivado por novos aparatos críticos; novas instituições de renome internacionais no estudo da vida e obra de Søren Kierkegaard; divulgação do pensamento kierkegaardiano na mídia impressa e televisiva, além de novos especialistas acerca do *Corpus* kierkegaardiano. Nesse ínterim, observamos que advieram novas abordagens sobre o pensador de Copenhague, nas universidades anglo-saxãs, que aceitaram a tradição continental pós-Kant, contribuindo para que a filosofia francesa heideggeriana e pós-heideggeriana se tornassem uma recente forma de abordagem à leitura do *Corpus* kierkegaardiano. Com isso, pautou-se por uma leitura filosófica e teológica, despidas de pré-conceitos, estabelecendo uma abordagem filosófica kierkegaardiana anglo-saxã por intermédio de uma abertura da tradição analítica em conexão com a vivacidade da ética como áreas de investigação filosófica contemporânea ao pensador de Copenhague. A partir disso, observamos que houve novas abordagens sobre o *Corpus* kierkegaardiano, ou seja, deixou-se a leitura existencialista em detrimento de uma abordagem do *Corpus* kierkegaardiano vinculado à filosofia moral e à ética.

Com o supra apresentado, fechamos o estudo da vertente kierkegaardiana anglo-saxã, sendo apresentada logo a seguir a perquirição da vertente latino-americana brasileira.

6 RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO BRASILEIRA

Por fim, chegamos ao sexto capítulo dessa dissertação. Agora, com a finalidade de trazer à luz as características distintivas e peculiaridades da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano ocorrida no Brasil durante os séculos XX e XXI. Nesse contexto, esse capítulo foi estruturado tomando-se por base o livro *A Filosofia Contemporânea Brasileira* (2011), do professor Antônio Joaquim Severino; o artigo *Americas Brazil: Forty years later*⁶⁷ (2009), do Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls e a tese *Em Busca de Uma Existential-Videnskab: Kierkegaard e Ontologia do Inter-Esse*⁶⁸ (2015) do Prof. Dr. Gabriel Ferreira da Silva. Todavia, não devemos esquecer que há outros filósofos brasileiros no momento presente que estão realizando pesquisas de grande valia sobre o pensador de Copenhague, e. g.: Jonas Joos, Umberto Qualio e Vitor M. Fernandes. Contudo, ficaremos adstritos como eixo de pesquisa aos trabalhos supra descritos, pois acreditamos que satisfazem o perscrutar dessa dissertação.

Nesse contexto, vislumbrando um melhor entendimento desses estudos, optamos por imbricá-los em cinco períodos mediante uma “divisão arbitrária”, i.e.: 1) primeiros contatos, 1900 a 1970; 2) Ernani C. Reichmann, 1970 a 1980; 3) Álvaro Valls, 1980 a 2005; 4) Gabriel Ferreira, 2015; e 5) Considerações.

6.1 Primeiros contatos 1900 a 1970

É importante ter em vista, primeiramente, que a América Latina no século XX foi receptora filosófica do *Corpus* kierkegaardiano por intermédio de influências de intelectuais europeus e americanos. Os primeiros contatos de intelectuais do Brasil com as obras do dinamarquês se deram principalmente pelas seguintes razões: a) abordagem teológica protestante alemã⁶⁹ - primeiras

⁶⁷ Texto retirado do artigo: *Americas Brazil: Forty years later*. Álvaro Luis Montenegro Valls, p. 319-328. Kierkegaard's International Reception; Tome III: The Near East, Asia, Australia and the Americas. Edited By Jon Stewart, 2009.

⁶⁸ Tese de Doutorado do professor Gabriel Ferreira da Silva defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

⁶⁹ Valls, p. 322, “Não devemos descartar a seriedade das escolas de teologia protestante (luterana ou presbiteriana), cujas bibliotecas tinham conjuntos de obras de Kierkegaard em alemão ou inglês. Entretanto, o contexto religioso no Brasil não era favorável para tais estudos. Por um lado, o catolicismo era a religião hegemônica tradicional e Kierkegaard era considerado com suspeita

décadas do século XX; b) interesse no existencialismo francês - décadas de 50 e 60; e interesse nos estudos ontológicos fenomenológicos de Martin Heidegger – década de 1960. Importante ressaltar, segundo Severino (1999), que a abordagem existencialista em solo brasileiro foi diferente daquela existente na Europa, pois não foi constituída de eventos traumáticos principalmente proporcionados pelas Guerras Mundiais, cuja vivência foi dada como fundamento e justificativa da postura existencialista europeia, i. e.:

Excetuando o caso de Heidegger, pensamento com alta elaboração técnica, o pensamento existencialista de origem francesa, é muito presente na cultura brasileira mais como postura diante do mundo, como uma atitude existencial. Bastante divulgado entre os estudantes universitários e intelectuais, sobretudo nas décadas de 50 e 60, bastante lido numa abordagem mais literária do que técnica-filosófica, sua assimilação e vivenciação (sic) se devem mais a uma sensibilidade de natureza emocional do que propriamente à análise reflexiva e crítica. (SEVERINO, 1999, p. 136).

Corroborando com esse entendimento, a filosofia francesa pós heideggeriana foi vestibular aos anseios intelectuais brasileiros, principalmente pelo interesse no existencialismo de Jean-Paul Sartre. É interessante que a ontologia fenomenológica heideggeriana foi aceita, na década de 1960, nas universidades brasileiras como analítica existencial, além de encontrar adeptos nas áreas das ciências humanas e filosofia vinculada à psicologia. (Cf. Severino, 2011, p. 111 a 113). Notamos também em nossa pesquisa que Severino (2011)⁷⁰ não mencionou uma relação de Martin Heidegger com Søren Kierkegaard, ficando a filosofia heideggeriana adstrita, na recepção brasileira, a uma vinculação à psicologia. Esse primeiro período (1900 a 1970) também foi caracterizado por: a) não dispor de aparato crítico; b) a pouca disponibilidade de obras⁷¹ em língua portuguesa, sendo que as que haviam eram oriundas de

do Vaticano. Por outro lado, o novo evangélico, carismático, as denominações pentecostais que foram bem-sucedidas no Brasil nunca tiveram nenhum interesse ao recomendar qualquer leitura de Kierkegaard ou de qualquer outro pensador sério. Finalmente, algumas denominações evangélicas tradicionais ainda não perdoaram Kierkegaard pela querela com a igreja dinamarquesa em meados do século XIX”.

⁷⁰ Antônio SEVERINO, O Dasein: a reflexão ontológica de Heidegger e sua influência no Brasil. A *Filosofia Contemporânea no Brasil*. p. 111 a 113.

⁷¹ Conforme KIR, 2009, p. 320, na língua portuguesa, somente haviam: *O Diário do Sedutor* trad. de Mário Alenquer, Lisboa: Livraria Clássica Editora Teixeira, 1911. *Doença até a morte* sob o título de *Desespero Humano* trad. Adolfo Casais Monteiro, Porto: Livraria Tavares Martins 1936. *O Conceito de Angústia*, traduzido por João Lopes Alves, Lisboa: livraria Presença 1962 (2ª ed., 1972); *Temor e Tremor*, traduzido por Maria José Marinho, Lisboa: Livraria Guimarães Editores 1959 (3ª ed., 1998).

traduções francesas; c) além de ser um período não significativo à recepção e interpretação do pensamento do danês. Após esses primeiros contatos, observamos que na década de 1970, iniciou-se um *turn* no conhecimento e na divulgação do pensador de Copenhague por intermédio do professor Ernani Corrêa Reichmann (1920-1984), o primeiro brasileiro a tornar-se especialista e tradutor do pensador de Copenhague⁷². Valls revela em KIR (2009, p. 219-220) que “Antes de Reichmann, Kierkegaard era apenas vagamente conhecido no Brasil, por aqueles que estavam familiarizados com a filosofia ou teologia alemã e por aqueles que estavam interessados no existencialismo francês”.

6.2 Ernani Reichmann – 1970 a 1980

Reichmann adquiriu conhecimento sobre Søren Kierkegaard e da língua dinamarquesa ao viajar em 1959 à Dinamarca, onde ficou por um ano, além de conhecer e estabelecer relacionamento próximo com os especialistas kierkegaardianos: Malantschuk e Niels Thulstrup. Após seu retorno ao Brasil, escreveu seus “Textos Seleccionados de Søren Kierkegaard” (1972 e 1979), que foram importantes para a divulgação do pensamento kierkegaardiano em solo brasileiro.

[...] Importante para os leitores brasileiros é que os Textos Seleccionados contém uma tradução de muitas páginas de *Prática do Cristianismo* e *Obras do Amor*, além de longas passagens com a polêmica de Kierkegaard com a igreja dinamarquesa, retirado do *Instante*. Há uma omissão dessa seleção que é a completa ausência dos *Discursos Edificantes* e da Dissertação sobre ironia (Sic). Este trabalho foi para esse período a mais importante contribuição sobre o estudo de Kierkegaard no Brasil (grifo nosso), porém algumas correções seriam necessárias porque Reichmann confiou demais nas traduções em francês, necessitando uma revisão com base no idioma original. (KIR, 2009, p. 321, tradução nossa).

Todavia, Valls em KIR, 2009, alertou que as publicações de Reichmann eram oriundas de traduções incompletas que não passaram por revisão crítica, inviabilizando-as, naquele momento, às pesquisas acadêmicas. Além disso, traziam erros em sua composição, tendo por consequência uma “visão errônea” da vida e obra do danês. Nesse ínterim, a recepção brasileira obteve melhor

⁷² Ernani REICHMANN, Soeren Kierkegaard, 1972.

sorte com o surgimento das obras publicadas em 1979 pela série de escritos filosóficos "Grandes Pensadores", i.e.: *O Diário de um Sedutor*, *Temor e tremor* e *A Doença até a morte*⁷³.

Pelo supra apresentado, as características desse segundo período foram: a) surgimento do primeiro especialista em Kierkegaard; b) as traduções continham uma visão pré-estabelecida sobre o *Corpus* kierkegaardiano; e c) o surgimento de novas obras em língua portuguesa. Importante ilustrarmos que estes fatores somados aos do primeiro período vieram a encontrar guarida em um contexto acadêmico com o Prof. Dr. Álvaro Valls dando a consistência necessária à divulgação *Corpus* kierkegaardiano, conforme descrito a seguir.

6.3 Álvaro Valls - 1980 a 2003

Álvaro Luiz Montenegro Valls (1947 -) contribuiu grandemente na recepção e interpretação brasileira do *Corpus* kierkegaardiano, pois: a) foi o primeiro brasileiro a tornar-se PhD em Kierkegaard - com a tese *O conceito de história no pensamento de Kierkegaard*, Universidade de Heidelberg (1981); b) fez as traduções para a língua portuguesa mais confiáveis das obras kierkegaardianas⁷⁴; e c) divulgou o pensamento do danês, em âmbito acadêmico, mediante palestras e orientações *Strictu Sensu*. Por esses motivos entendemos nessa pesquisa que o Prof. Dr. Álvaro Valls deu robustez necessária às pesquisas acadêmicas acerca de Søren Kierkegaard.

Percebe-se uma virada de mentalidade acadêmica no transcorrer do final da década de 1970 no qual as universidades brasileiras foram criadas no decorrer do século XX, e nas últimas décadas, um enorme esforço foi feito no Brasil para implementar programas de pós-graduação com mestrado e doutorado, incluindo alguns programas de filosofia e teologia de excelente qualidade. Muitos professores tiveram a oportunidade de obter seu Ph.D. na Europa ou na América do Norte. Quem estudou no exterior adquiriu uma capacidade de leitura que pode ser mais crítica e razoavelmente livre dos preconceitos tradicionais. (KIR, 2009, p. 323, tradução nossa).

⁷³ KIR, 2009, p. 321, "Esses textos foram traduzidos por Carlos Grifo e Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro".

⁷⁴ O filósofo francês Henri-Bernard Vergote (1931 -), especialista em Kierkegaard, esteve no Brasil em 1983, vindo a conhecer o professor Ernani Reichmann, bem como confiou ao professor Álvaro Valls a tradução de *The Concept of Irony*, que veio posteriormente a ser publicado no ano de 1991, sob o título *O Conceito de Ironia*.

Interessante que esse “período acadêmico” sobre as obras kierkegaardianas giraram primeiramente em torno da “abordagem teológica” e que os discentes buscaram se aperfeiçoar em universidades que possuíam as melhores condições à pesquisa teológica, e.g.:

- a) Ricardo Quadros Gouvêa, presbiteriano de São Paulo, concentrou-se principalmente em *Temor e Tremor*, terminando seu doutorado em teologia em 1998 no Westminster Seminário Teológico nos EUA;
- b) Jorge Miranda, foi para Roma para obter seu Ph.D. na Universidade Gregoriana depois de ter estudado Kierkegaard com o jesuíta Henri de Ternay;
- c) Cleide Scarlatelli, católica de Minas Gerais, estudou Teologia com luteranos em São Leopoldo, onde fez seu doutorado no Instituto Ecumênico da Escola Luterana de Teologia, onde defendeu o tema “A Reflexão Filosófica como Obra do Amor”⁷⁵.

Outro fator concomitante foi o surgimento, em universidades brasileiras, de um “ecumenismo” de professores que eram “especialistas” em determinados pensadores e começaram a realizar orientações *Strictu Sensu* em uma “abordagem filosófica” a respeito de Søren Kierkegaard, e.g.:

- a) Maria Lúcia Cacciola, Universidade de São Paulo (USP), especialista em Schopenhauer, foi orientadora da professora Sílvia Saviano Sampaio, que defendeu em 2001 a primeira dissertação de doutorado em filosofia no Brasil a respeito de Søren Kierkegaard com a tese *A subjetividade existencial em Kierkegaard*;
- b) Oswaldo Giacóia Jr., Universidade de Campinas (UNICAMP), especialista em Nietzsche, foi orientador de Márcio Gimenes de Paula que defendeu, em 2005, a tese *A crítica de Kierkegaard à cristandade: o indivíduo e a comunidade*.

Esse terceiro período foi marcado pela divulgação, em âmbito acadêmico, com singularidade no tocante aos seguintes pontos:

- a) Os professores não tinham experiência em Kierkegaard e não haviam obras completas do danês;
- b) Foi criada a Sociedade Brasileira de Estudos sobre Søren Kierkegaard (SOBRESKI);

⁷⁵ Álvaro VALLS, *Americas Brazil: Forty years later*, p. 323-324.

- c) Estudantes brasileiros passaram a conhecer a Biblioteca Kierkegaard em Northfield, Minnesota e surgiu a nova edição crítica, *Søren Kierkegaards Skrifter*;
- d) Surgem outros “especialistas” kierkegaardianos dos aspectos culturais e religioso, e.g.: Bruce Kirmmse, David Gouwens e Merold Westphal;
- e) André Clair, Hélène Politis, Hermann Deuser e George Pattison, na atualidade, são mais pesquisados do que Miguel de Unamuno, Cornelio Fabro, Jean Wahl ou Pierre Mesnard⁷⁶.

Outra característica desse período foi a formação de um “colegiado de especialistas” que manteve a tradição filosófica estabelecida do *Corpus* kierkegaardiano atrelado ao modo de leitura existencialista, ética e ética-religiosa. Entretanto, com o surgimento de novas perspectivas que estabelecemos nessa dissertação como oriundas dos estudos de reconsiderações, houve uma contribuição à possibilidade de uma “nova leitura” sobre o *Corpus* kierkegaardiano em âmbito brasileiro. Por conseguinte, vislumbramos que tal fato ocorreu mediante o Prof. Dr. Gabriel Ferreira (2015) com sua tese *Kierkegaard e a Ontologia do Inter-Esse*, a qual passaremos a explicitar a seguir.

6.4 Gabriel Ferreira – 2015

Conforme demonstramos no início desse capítulo, a tradição interpretativa brasileira kierkegaardiana fixou-se por intermédio da origem francesa, recaindo quase que exclusivamente na dimensão ética – e ético-religiosa – de seus escritos. Contudo, no final do século XX e início do século XXI, o surgimento de novos aparatos críticos e pesquisas de reconsiderações possibilitaram um novo olhar sobre leituras pré-estabelecidas acerca do *Corpus* kierkegaardiano. Inserimos nesse contexto a tese do Prof. Dr. Gabriel Ferreira (2015) “Em busca de uma Existentiel-Videnskab: Kierkegaard e a Ontologia do *Inter-Esse*” por ter possibilitado uma nova abordagem, em âmbito brasileiro, sobre o pensador de Copenhague.

⁷⁶Álvaro VALLS, 2009, p. 234.

Gabriel Ferreira vem ao encontro do que foi exposto no terceiro período da interpretação e recepção brasileira, pois foi orientado por um “especialista” em Søren Kierkegaard - Prof. Dr. Álvaro L. M. Valls; e obteve conhecimento acadêmico no exterior - Søren Kierkegaard Forskningscenteret, em Copenhague (2014) e Scholar na Howard and Edna Hong Kierkegaard Library, St. Olaf College. Sua pesquisa de doutorado (2015), apresenta uma nova leitura sobre o Corpus kierkegaardiano a Ontologia do *Inter-Esse*, além de outras perspectivas de leitura acerca do pensador dinamarquês, e. g.:

- a) Observa-se, conforme descrito por Ferreira, que os especialistas ainda não tinham dado conta dessa nova abordagem:

É significativo notar que no volume 15 — em 6 tomos, que ainda estão no prelo — da coleção Kierkegaard Research: *Sources, Receptions and Resources* [...] não previa um artigo sobre o conceito de ‘Metafísica’. Esta falha foi corrigida por sugestão minha, feita ao editor da coleção, Prof. Dr. Jon Stewart⁷⁷. (Cf. Ferreira, 2015, p. 65).

- b) Ferreira inseriu o pensador dinamarquês em alguns problemas filosóficos do século XIX, nos quais até então Kierkegaard não havia obtido o devido crédito pelos “especialistas”, bem como raramente foi contado no âmbito dos tratamentos ontológicos.
- c) Ferreira também questionou e trouxe sua visão sobre o posicionamento dos intérpretes que: a) excederam na biografia do danês; b) taxaram Kierkegaard de irracionalista⁷⁸; e c) construíram o apodo de “pai do existencialismo”.

A visão de Gabriel Ferreira sobre as interpretações apresentadas no item c, foram as seguintes:

⁷⁷ Destaco, que conforme já explicitado no terceiro e quarto capítulos já existiam leituras ontológicas sobre o *Corpus* kierkegaardiano, porém não tiveram o devido crédito pelos especialistas, sendo destacado essa intervenção pontual de Gabriel Ferreira para a inserção de um capítulo sobre Metafísica na coleção Kierkegaard Research: *Sources, Receptions and Resources*.

⁷⁸ Gabriel Ferreria destaca que tal fato deve-se as interpretações e recepções das diferenças entre sistema lógico e sistema da existência; pela declaração do filósofo Jean-Paul Sartre a respeito de Kierkegaard como “*chevalier de la subjetivité*”, “*survivant au système*”, “*philosophe antiphisophe*”, “*le poète de la foi*”; e pela crítica ao sistema hegeliano que ocorreu não por argumentos, mas “*par sa simple vie*” (Cf. FERREIRA, 2015, p. 222).

- (Ca) o excesso da biografia do danês contribuiu a uma leitura fechada e pré-determinada que estabeleceu uma “leitura padrão” do *Corpus kierkegaardiano*;
- (Cb) Kierkegaard não poderia ser taxado de irracionalista, pois: “[...] não é apenas ingênuo, mas incorreto atribuir-lhe, por conta de sua oposição à especulação, a posição de irracionalista. [...] O que Kierkegaard gostaria de fazer notar é que a crítica a uma parte da Filosofia de seu tempo quer pôr em relevo a diferença entre concepções de filosofia. Assim, ao Idealismo, nas palavras do próprio dinamarquês, especulativo, deve ser possível contrapor uma visão de Filosofia como *modus vivendi*, particularmente cara aos gregos, [...]”. (Cf. Ferreira, p. 28-29).
- (Cc) Conforme Ferreira, p. 42, “[...]. Sigo aqui Hannah Arendt (1993) entre ‘Filosofia da *Existenz*’ e ‘Existencialismo’, reservando este termo à designação do pensamento desenvolvido, sobretudo, na França do pós-guerra”.

O conceito de existência em Kierkegaard foi ‘recepicionado pela tradição interpretativa’ em suas diversas formas surgindo as noções kierkegaardianas de análise existencial (angústia, desespero e repetição) e análise dos estados existenciais (ético, estético e religioso), contudo ‘não abordaram a dimensão metafísica deste conceito’. (Cf. Ferreira, p. 42 e 43). Com isso, Gabriel Ferreira buscou a gênese da Ontologia kierkegaardiana no conceito de existência do danês, vindo a apresentar a distinção entre “Existência *qua*” e “Existência atual”, conforme apresentado a seguir:

A compreensão kierkegaardiana do conceito de existência apoia-se num entendimento particularmente forte de Existência como Atualidade (*Virkelighed*), juntamente com outras notas conceituais, do qual desdobram-se diversas outras posições ontológicas, mas também lógicas, éticas e epistemológicas. Esta posição radical pode ser melhor compreendida, no domínio da crítica àquela posição que Kierkegaard subsume aos termos “Metafísica” ou “Ontologia”, a partir da distinção absolutamente capital entre “Existência *qua* Existência atual” e “Existência *qua* conceito ou representação intelectual”. Claro está que Kierkegaard opera no marco da concepção representacionista que, desde Descartes, condicionou o entendimento do processo de apreensão de objetos extramentais como representação da Filosofia Moderna ao menos até certa inflexão fenomenológica. Contudo, para a distinção feita por Kierkegaard, a crítica a tal paradigma nada resolve quanto à distinção feita, especialmente no que tange à distinção Atual-Factual/Possível-

Mental. Esta diferenciação não apenas é a pedra angular do conceito de Existência de Kierkegaard (grifo nosso) e, portanto, de sua Ontologia, como é também condição de possibilidade de toda discussão acerca das modalidades desenvolvidas tanto nas *Migalhas Filosóficas* quanto no Pós-escrito e em *Doença para a Morte*. (FERREIRA, 2015, p. 47).

Segundo Ferreira, p. 64, “[...] em *Migalhas filosóficas*, *Pós-escrito conclusivo não científico* e *É preciso duvidar de tudo*, está contido todo o fundamento ontológico que baliza a reflexão kierkegaardiana”.

Nos escritos climacusianos que se podem encontrar o tratamento mais sofisticado dos problemas envolvendo as determinações possíveis da Existência, bem como as conexões básicas com as temáticas e discussões ético-religiosas que são, estas, por sua vez, condicionadas por aquelas determinações. Dessa forma, sustentamos que Kierkegaard não somente nega concepções ou posições ontológicas das quais pretende se afastar, mas postula as suas próprias, com características marcantes e coesão. É a tal conjunto de posições referentes à determinação da Existência, bem como suas conexões com outros conceitos e categorias tais como Possibilidade, Necessidade, Temporalidade e Finitude que atribuímos o nome de uma Ontologia propriamente kierkegaardiana. (FERREIRA, 2015, p. 64 e 65).

Pelo apresentado, o Prof. Dr. Gabriel Ferreira parte do entendimento que a sua tese “Em busca de uma Existential-Videnskab: Kierkegaard e a ontologia do Inter-Esse”, pode ser lida como “Em busca de uma Ontologia de Kierkegaard: Kierkegaard e a Ontologia da Existência”.

Ao eleger como objeto privilegiado o existente *qua* existente, Kierkegaard assume a Atualidade como eixo central do seu entendimento de Existência do ponto de vista ontológico. É a distinção entre o “ser fático” e o “ser ideal” – interpretada exatamente como distinção entre Atualidade e Possibilidade – e a consequente prioridade do primeiro sobre o segundo, do ponto de vista do existente, o polo irradiador de todas as posições ulteriores. (FERREIRA, 2015, p. 76).

Bem como há o tipo de Saber/Ciência da Existential-Videnskab, que é um tipo de saber/ciência, no qual o objeto é a Existência (Inter-Esse), cuja relação entre Ser/Pensar ocorre por simultaneidade Não-Coextensiva, a Modalidade é Atual (Virkelighed) no Âmbito de Sentido Ação/Decisão/Apropriação/Existencial e o Estatuto Ontológico é a Intermediariedade Incompletude. (FERREIRA, 2015, p. 100).

Conforme Ferreira, 2015, a contribuição filosófica kierkegaardiana recai sobre o radical entendimento de Atualidade *qua* Atualidade (Virkelighed) e sua

distinção para com todo ser *qua* pensado. (Cf. Ferreira, p. 119). A interpretação kierkegaardiana sobre Sistema é demonstrada em duas análises:

- 1) Crítica do Sistema e da própria ideia de sistematicidade em Filosofia. Esta tradição interpretativa considerou ser a oposição direta de Kierkegaard a Hegel;
- 2) A análise específica da interdição foi feita por Climacus, no Pós-escrito, à elaboração de um Sistema da Existência.

Contudo, Ferreira, p. 120, trouxe mais dois aspectos importantes que não foram observados pelos especialistas:

- a) A consideração do conceito de Sistema em si mesmo, bem como de suas relações com o próprio projeto kierkegaardiano;
- b) A análise acurada tanto das condições de possibilidade de um sistema lógico apresentadas por Climacus no mesmo Pós-escrito, quanto das razões mais essenciais para a recusa da possibilidade de um sistema da existência.

Gabriel Ferreira, ainda observa, p. 132, que:

(...) deu-se com a discussão acerca do estatuto e papel da Lógica, cristalizada sob o título do opúsculo de F. S. Trendelenburg, *Die Logische in Hegels System*, publicado em 1843. Nesse diapasão como já comentado, nessa dissertação, Kierkegaard estudou e foi influenciado pelos escritos de Trendelenburg, devido a este ser “educado ou formado no espírito da filosofia grega” e “fornecer as ferramentas necessárias contra a filosofia de matriz hegeliana. (FERREIRA, 2015).

Além disso, o autor comenta que Kierkegaard observa:

de movimento no escopo da ‘filosofia moderna’, leia-se na lógica hegeliana, é transladado ao domínio do pensamento sob a forma do conceito particularmente *sui generis* de Negação. [...] Kierkegaard toca exatamente no ponto nevrálgico da crítica de Trendelenburg, via Aristóteles, à pressuposição do movimento na lógica hegeliana. (FERREIRA, 2015).

Ademais, Ferreira reflete que:

Ao afirmar que não se deve ter movimento na lógica, o que Kierkegaard está dizendo é tanto que é apenas em um sentido impróprio que se pode dizer que haja movimento no domínio intramental, como que mesmo o que Hegel denomina movimento é derivado de uma má compreensão do que acontece quando do uso da Negação. (FERREIRA, 2015).

Gabriel Ferreira, 2015, p. 166-168, sumariza a posição kierkegaardiana sobre a lógica em três pontos:

- 1) Domínio lógico como heterogêneo ao domínio da Atualidade;
- 2) Lógica como órganon;
- 3) Lógica como conhecimento não essencial.

Por fim, Gabriel Ferreira observou que Søren Kierkegaard nunca rejeitou um Sistema ou mesmo um Sistema Lógico, todavia não coadunava com um Sistema da Existência (Cf. Ferreira, 2015, p. 186). Pelo apresentado, podemos conjecturar que a tese do Prof. Dr. Gabriel Ferreira “Em busca de uma Existentiel-Videnskab: Kierkegaard e a ontologia do Inter-Esse” contribui à recepção e interpretação kierkegaardiana mediante uma abordagem original e ímpar, desvencilhando-se dos modos de leitura franceses, determinados pela tradição.

6.5 Considerações

Ao estudarmos o início da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano em âmbito brasileiro, encontramos estudos incipientes e percebemos que as poucas universidades existentes não deram crédito ao pensamento kierkegaardiano. Os primeiros contatos com o *Corpus* kierkegaardiano deram-se por uma abordagem teológica alemã adstrita ao clero brasileiro, principalmente com a abordagem católica, sendo que a abordagem protestante manteve um certo distanciamento do *Corpus* kierkegaardiano devido a ainda prevalecer um certo receio das contendas religiosas originadas no século XIX do pensador de Copenhague com o clero dinamarquês.

Observamos que a partir da década 1950, após o existencialismo francês aportar em solo brasileiro, houve interesse pelo pensador de Copenhague. Contudo, esse movimento filosófico era diferente do de origem europeia que foi marcado por eventos traumáticos, sendo que no Brasil:

[...] o existencialismo foi bastante lido numa abordagem mais literária do que técnica-filosófica, sua assimilação e vivenciação que devem ser mais a uma sensibilidade de natureza emocional do que propriamente à análise reflexiva e crítica”. (SEVERINO, 1999, p. 136).

Na década de 1960, surgiu o interesse acadêmico na ontologia fenomenológica heideggeriana como analítica existencial e encontrou adeptos nas áreas das ciências humanas e filosofia vinculada à psicologia. Observamos que a recepção e interpretação brasileira heideggeriana não faz nenhuma vinculação de Martin Heidegger com Søren Kierkegaard, conforme apresentamos no capítulo terceiro.

Esse início de quase setenta anos também caracterizou-se pela falta de aparato crítico, sendo que as obras disponíveis, além de serem poucas, eram oriundas de traduções francesas. Contudo, nas décadas de 1970 e 1980 verificamos que a recepção e interpretação kierkegaardiana tiveram melhor sorte devido aos seguintes fatores: publicação da primeira tradução; surgimento de novos tradutores e especialistas; pesquisadores que buscaram conhecimento sobre Søren Kierkegaard via universidades estrangeiras; e o surgimento de “orientadores” sobre o pensador de Copenhague. Esse período caracterizou-se pela leitura sobre o *Corpus* kierkegaardiano com um viés francês existencialista, no qual prevaleceu a leitura biográfica-psicológica, às esferas da existência e a ética kierkegaardiana. Nesse contexto, encontramos nas décadas de 1990 e início do século XXI fatores que trouxeram outras possibilidades de leituras sobre o *Corpus*, i. e.: globalização do conhecimento; interesse em âmbito acadêmico nas obras kierkegaardianas; novos intérpretes brasileiros; surgimento de um aparato crítico robusto, disponível em dinamarquês e inglês; e o conhecimento de novas leituras mediante estudos de reconsiderações — acerca de contemporâneos kierkegaardianos. Nesse diapasão, conjecturamos que um dos frutos desses estudos de reconsiderações foi o aporte à leitura kierkegaardiana à lógica trendelenburgiana. Nesse contexto, o Prof. Dr. Gabriel Ferreira contribuiu à interpretação kierkegaardiana com sua tese sobre a Ontologia do *Inter-Esse*, saindo dos padrões estabelecidos de leitura brasileira sobre o *Corpus* kierkegaardiano, ou seja, a existencialista, ética e ético-teológica.

Pelo acima exposto e na persecução às respostas para a questão apresentada na introdução dessa dissertação — que indaga a respeito das razões da diversidade de interpretações do *Corpus* kierkegaardiano — conjecturamos que esse capítulo pertence ao segundo modo possível de resposta, qual seja: o fato gerador das diversas recepções e interpretações

sobre o *Corpus* kierkegaardiano nos séculos XX e XXI foram os estudos de reconsiderações consubstanciados nos novos aparatos críticos, com novos autores proporcionando novas leituras sobre o *Corpus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escopo dessa pesquisa dissertativa foi o de trazer à luz um ponto de extrema importância sobre a recepção e interpretação do dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), a saber, que o estabelecimento do modo de leitura existencialista de seu *Corpus* veio por meio de uma tradição, em detrimento de outras leituras possíveis. Por conseguinte, foi explicitado o *Status quaestionis* das recepções e interpretações kierkegaardianas no séculos XIX, XX e XXI mediante as vertentes alemã (teológica protestante e filosófica), francesa existencialista, anglo-saxã e brasileira; perscrutando suas características distintivas, suas mudanças de eixo e suas respectivas peculiaridades.

Nesse diapasão, por intermédio de literatura secundária, vislumbramos que no século XIX, XX e início do XXI encontra-se um processo, tanto histórico quanto filosófico, das recepções e interpretações sobre a obra de Søren Kierkegaard, o qual pode ser dividido em três fases, i. e.:

(I) primeira fase, constituída no século XIX e início do XX, com modos de leitura carregados por interpretações incongruentes sobre o pensador de Copenhague, i. e.: querelas religiosas; traduções inconsistentes; surgimento de estereótipos derivados da análise biográfico-psicológica; interpretações acerca do pensador de Copenhague como subjetivista, irracionalista, psicológico e atrelado ao romantismo alemão; ignorância e falta de percepção sobre a real intenção do danês por trás de seus pseudônimos e de sua comunicação indireta. Tais interpretações nos levam a afirmar – conforme proposto como possibilidade de compreensão na introdução dessa dissertação – que no processo de formação do *Corpus* kierkegaardiano, estabelecido nos séculos XIX e XX, houve erros de interpretação que vieram a estabelecer modos de leitura sobre as obras do danês.

(II) a segunda fase, na qual observamos o surgimento da dialética teológica de Karl Barth, do método correlacional de Paul Tillich, da fenomenologia intencional husserliana, da filosofia da existência de Karl Jaspers e da ontologia fenomenológica de Martin Heidegger, contribuindo para uma mudança de eixo na leitura sobre o *Corpus* kierkegaardiano. Nesse ínterim, as vicissitudes geradas pelas guerras mundiais despertaram o interesse do estudo da existência

humana com acento nas *faktisches Leben* em detrimento do idealismo alemão, tendo como possibilidade de aporte filosófico o pensador de Copenhague. Tal fato corroborou para a elaboração da filosofia da *existenz* e para o surgimento da filosofia existencialista e do existencialismo, além de que pela primeira vez Søren Kierkegaard foi colocado no *órganon* filosófico e atrelado a este novo pensar filosófico. Contudo, esta leitura sobre o *Corpus* foi em detrimento de outras possíveis, conforme demonstramos o surgimento de novas perspectivas de estudos, e. g.: Simone de Beauvoir estabeleceu um Kierkegaard que trouxe à filosofia a importância da mulher; Martin Buber conceituou a intersubjetividade no fundamento religioso; Albert Camus condenou Kierkegaard por aceitar o “Absurdo” que ratificou seu fideísmo religioso; Michel Henry defendeu uma ontologia kierkegaardiana segundo a interpretação do desespero como a base afetiva do ser; Gabriel Marcel procurou explorar em sua filosofia o significado de ser humano, ao passo que Kierkegaard procurou o significado de ser cristão; Jacques Maritain, situou Kierkegaard na história da filosofia moral ocidental; e Merleau-Ponty, com sua *Fenomenologia da Percepção*.

(III) terceira fase, na qual podemos estabelecer que, no século XXI, com o surgimento de estudos de “reconsiderações”, aparecem novas perspectivas acerca do ambiente cultural e intelectual no qual o pensador de Copenhague viveu. Além do surgimento do robusto aparato crítico em inglês e dinamarquês - Søren Kierkegaards Førsknings Center da Universidade de Copenhague e a Hong Kierkegaard Library – proporcionando importante material crítico acerca do *Corpus* Kierkegaardiano. Com isso, houve condições de se examinar a recepção e interpretação do *Corpus* Kierkegaardiano desarraigado dos filtros constituídos nos séculos XIX e XX pelos especialistas. Tal fato vem a corroborar a resposta do problema apresentado na introdução, a saber: Que no século XXI com os novos aparatos críticos e o surgimento de estudos de “reconsiderações” acerca de “visão padrão estabelecida” constituiu-se “nova leitura” a respeito de assuntos fixados sobre o *Corpus* Kierkegaardiano. Nesse contexto, estabeleceu-se um “novo olhar” sobre a influência do filósofo F. A. Trendelenburg mediante o cotejamento de suas *Investigações Lógicas* (1840) com o pensamento existencial kierkegaardiano; vieram à tona novas possibilidades sobre os motivos que levaram a se fixar uma querela entre Kierkegaard e Hegel; além de trazer à luz a importância de Søren Kierkegaard à constituição da ontologia

fenomenológica heideggeriana. Com isso, percebemos que o *Corpus* no contexto filosófico encontrou guarida em solo anglo-saxão, mediante abordagem da Filosofia moral e ética e em solo brasileiro a leitura de uma Ontologia *do Inter-Exse* como nova possibilidade de leitura desvencilhando-se da leitura ética, ética-cristã e teológica.

Com essas três fases delineadas, podemos esclarecer as respostas para a problemática dessa dissertação, ou seja, “Qual foi o fato gerador das diversas recepções e interpretações sobre o *Corpus* kierkegaardiano nos séculos XIX, XX e XXI?” Sendo que vislumbramos três possibilidades, i. e.: a) erros de interpretações; b) mudança de perspectiva filosófica em detrimento ao idealismo alemão em que o indivíduo único, as categorias da existência e as esferas da existência kierkegaardiana encontraram interesse de homens de elevada estatura; e c) surgimento de novos aparatos críticos e estudos de reconsiderações que trouxeram outras perspectivas sobre o ambiente histórico, filosófico e cultural em que viveu o pensador de Copenhague.

Isto posto, com esse trabalho é possível conjecturar-se que o pensamento de Søren Kierkegaard derivou-se em vários caminhos constituindo-se em “modos de leitura” conforme a necessidade de seus interlocutores (literário, teológico, filosófica, etc). Consequentemente, proporcionaram as condições imprescindíveis à formação das diversas vertentes estabelecidas sobre o pensador de Copenhague. Assim sendo, a leitura do *Corpus* não deve se restringir somente a um modo de leitura, mas a “vários modos de leituras” dependendo da origem de sua recepção e aos propósitos aos quais estão a servir. Portanto, esse trabalho dissertativo mediante a explicitação dos seis capítulos procurou não apenas a compreensão histórica filosófica da recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano, no transcorrer dos séculos XIX, XX e XXI, mas estabelecer a dinâmica contextual surgida durante a gênese das vertentes descritas na introdução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Kierkegaard-Construção do estético**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 373-375. Título original: Kierkegaard: *Konstruktion des Ästhetischen*. Tradutor Alvaro L. M. Valls.

ARENDT, Hannah. O que é a filosofia da Existenz? **A Dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. Tradução Antônio Abranches.

CAPEELORN, Nils Jorgen and all. **Kierkegaard's Journals and Notebooks**. Vol. 1, Journals AA-DD. Princeton and Oxford, 2007.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Centauro Editora, 2013.

DE PAULA, Marcio Gimenes. Kierkegaard em diálogo com a tradição filosófica. São Paulo: Editora Intermeios, 2016.

FERNANDES, Victor M. **Kierkegaard e Hegel** – reconsiderando a relação entre o Pós-Escrito e a Ciência da Lógica. Editora Libers Ars Ltda. São Paulo, 2019.

FERREIRA, Gabriel. **Em busca de uma Existentiek-Videnskab**: Kierkegaard e a Ontologia do Inter-Esse. (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

GILES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

_____. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. Vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

GILSON, Étienne. **O Ser e a Essência**. São Paulo: Paulus, 1ª Edição, 2016. Tradução Carlos Eduardo de Oliveira et all.

HØFFDING, Harald. **Søren Kierkegaard**. Traducción del alemán: Fernando Vela. Madrid, Revista de Occidente. Segunda edición: 1949.

JOLIVET, Régis. **Aux sources de l'existentialisme Chrétien – Kierkegaard**. Lyon-Paris: Librairie Álvaro Luiz Montenegro Valls Arthème Fayard, 1958.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A Repetição**. Relógio D'Água Editores Tradução, Introdução e Notas de José Miranda Justo. 2009 [1843].

_____. **Conceito de Angústia** – Uma simples reflexão psicológica-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de VIGILIUS HAUFNIENSIS. Petropolis, RJ: Editora Vozes 2ª ed, 2010. Tradução e Posfácio de Álvaro Luiz Montenegro Valls.

_____. **Pós-Escrito Conclusivo às Migalhas Filosóficas** – Coletânea mímico-patético-dialético, construção existencial, por Johannes Climacus. Vol. I. Editora Vozes, 2013. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida.

_____. **Pós-Escrito Conclusivo às Migalhas Filosóficas** – Coletânea mímico-patético-dialético, construção existencial, por Johannes Climacus. Vol. II. Editora Vozes, 2016. Tradução de e Marília Murta de Almeida.

_____. **Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor**. Edições 70. Lisboa-Portugal, 1986. Tradução francesa de Paul-Henri Tissean, revista por Else-Marie Jaquet-Tissean.

_____. **Temor e Tremor**. Prefácio e Tradução de Torrieri Guimarães. Editora Hemus, 2008.

_____. **Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. Tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls.

_____. **O Desespero Humano**. São Paulo: Editora UNESP, 2010 [1849]. Tradução de Adolfo Casais Monteiro.

MALIK, Habib C. **Receiving Søren Kierkegaard**: The early Impact and Transmission of his Thought. Published: Catholic University of America Press, 1997.

MENDES, Natlaia. **Kierkegaard através do tempo**. São Paulo: LiberArs, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2012. Tradutor Carlos Duarte e Anna Duarte.

POLITIS, Hélène. **Le vocabulaire de Kierkegaard**. Ellipses Édition, 2002.

_____. **Kierkegaard**. Ellipses Édition, 2002.

PORTA, Mario Ariel Gonzáles. **A Filosofia a partir de seus problemas: Didática e metodologia do estudo filosófico**. 4ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Edmund Husserl – Psisologismo, psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Psicologia e Filosofia – Estudos sobre a querela em torno ao psicologismo [Psychologismustreit]**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

_____. **Zurück zu Kant!** – Adolfo Trendelenburg, la superación del idealismo y los orígenes de la filosofía contemporânea. *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, v. 2 (2), p. 35 – 59, 2005.

_____. **Zurück zu Kant!** Adolf Trendelenburg, a superação do idealismo e as origens da filosofia contemporânea, *Estudos neokantianos*, São Paulo, Loyola, 2011, p. 15-44.

REICHMANN, Ernani Corrêa. **Soeren Kierkegaard**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná 1972. (2ª ed., Curitiba: Universidade Federal do Paraná 1978)

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo – uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **L'existentialisme est un humanisme**. Éditions Gallimard, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A Filosofia Contemporânea no Brasil – Conhecimento, Política e Educação**. 6ª ed. Petropolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora Cortez, 2013.

STEWART, Jon. **Søren Kierkegaard – Subjetividade, ironia e a crise da modernidade**. Tradução de Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petropolis, Rio de Janeiro: Editora vozes, 2017, p. 215-217.

_____. **Kierkegaard and Existentialism**. Søren Kierkegaard Research Centre: Sources, Reception and Resources. Volume 9. Routledge: Published, 2016.

_____. **Kierkegaard relations to Hegel reconsidered**. Cambridge University Press, 2003.

_____. **The Auction Catalogue of Kierkegaard's Library**. Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources Volume 20, 2016.

_____. **Schleiermacher: Revisiting Kierkegaard's Relationship to Him, p. 197-222**. Kierkegaard and His German Contemporaries. Tome II: Theology. Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources Volume 6, Tome II First published 2007 by Ashgate Publishing. Published 2016 by Routledge.

TRULSTRUP, Niels. **Kierkegaard's Relation to Hegel**. Princeton University Press: New Jersey, 1980.

UMBERTO, Regina. **Kierkegaard**. Editora Ideias & Letras, 2017, p. 295-297. Tradução Alessandra Siedschlag.

VALLS, Alvaro L.M. **Kierkegaard não era um homem sério**. São Paulo, SP: Editora Liber Ars, 2019.

_____. **Part III Americas Brazil: Forty years later**. Kierkegaard Reserch: Souces, Reception and Resources, Volume 8; Kierkegaard's Internacional

Reception; Tome III: The Near East, Asia, Australia and the Americas; Edited By Jon Stewart; Part III Americas Brazil: **Forty years later**; Alvaro Luis Montenegro Valls ed. 2009. p. 319-328.

WAHL, Jean. **História Del Existencialismo** – seguido de Discusion Y Kafka Y Kierkegaard. Editorial Dedalo, Buenos aires. 1960. Título del original francés *Histoír du Existentialism*, 1947. Traducción de Bernado Guillen.

_____. **As Filosofias da Existência**. Lisboa, Publicações Europa-América, 1962. Traduzido do original *Les Philosophies de L´Existence*, 1954. Tradução: I. Lobato e A. Torres.

_____. **Études Kierkegaardiennes**. Librairie Philosophique J. Vrin. Paris: Troisième edition, 1967 [1938].

WOO, B. Hoon. **Kierkegaard´s Influence on Karl Barth´s Early Theology**. *Journal of Christian Philosophy*, 2014, p. 197-245.

APÊNDICE A

STATUS QUAESTIONIS DA RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS

PANORAMA HISTÓRICO E FILOSÓFICO NOS SÉCULOS XIX E XX

Características

1838 a 1855

- (1838 a 1855) Escrita kierkegaardiana com propósitos pessoais, literários, intelectuais, filosóficos e teológicos.

1850

- (1850) Início da recepção e interpretação kierkegaardiana.

- Fatores negativos à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano durante o século XIX:

- Ataque de Søren Kierkegaard à “Cristandade” do clero dinamarquês.
- Equívocos de interpretação da vida e produção literária kierkegaardiana.
- Abordagem biográfico-psicológica.
- Abordagem de Søren Kierkegaard como irracionalista e subjetivista.

- Fatores positivos à recepção e interpretação do *Corpus* kierkegaardiano ocorridos na Alemanha e França no final do século XIX e começo do século XX:

- Interesse pelo pensamento teológico kierkegaardiano na Escandinávia e Alemanha.
- Interesse pela literatura kierkegaardiana na Alemanha, Suécia, Tchecoslováquia, Europa Ocidental, Rússia e Japão.
- Divulgação das obras kierkegaardianas, via periódico artístico e filosófico *Der Brenner* e o *Círculo cultural Der Brenner*, mediante traduções feitas por Theodor Haecker.
- Surgimento da neo-ortodoxia protestante na Alemanha, mediante intelectuais que procuravam uma solução ao legado deixado pelo Positivismo-cientificista e Socialismo Marxista.

- Surgimento da idealidade fenomenológica de Edmund Husserl.
- Surgimento na França, primeiras décadas do século XX, de uma insipiente formação epistêmica sobre o *Corpus* kierkegaardiano.

RECEPÇÃO ALEMÃ (TEOLÓGICA PROTESTANTE E FILOSÓFICA)

Características

- Destaque ao estudo da existência humana com acento na facticidade da vida em detrimento do idealismo alemão, encontrando nas categorias existenciais, no indivíduo único e no pensamento subjetivo de Søren Kierkegaard uma forma de validação desses estudos.
- Modos de leitura alemã, i. e.:
 - Teológica protestante:
 - Karl Barth na constituição de sua dialética teológica; e
 - Paul Tillich com seu método correlacional e sua psicologia existencialista.
- Filosófica:
 - Filosofia da Existência, mediante Karl Jaspers
 - Categorias da existência kierkegaardiana utilizadas na construção da estrutura ontológica da existência do *Dasein*.

RECEPÇÃO FRANCESA EXISTENCIALISTA

Características

- O *Corpus* kierkegaardiano chega à França, via Alemanha, i. e.:
 - Estudos acadêmicos acerca do *Corpus* kierkegaardiano, com interesse predominantemente teológicos e abordagem biográfica-psicológica.
 - Via “Teatro livre” mediante obras kierkegaardianas escritas para o teatro.
- Crescente interesse, dos intelectuais franceses, na fenomenologia

husserliana e na ontologia fenomenológica heideggeriana.

- Modos de leitura francesa:
 - Biográfica-psicológica, esferas da existência, teoria da existência, irracionalista, utilização dos Diários, crítica à filosofia racionalista, sendo utilizado o ponto de vista kierkegaardiano sobre a impossibilidade de um sistema hegeliano.
- Três vias do fenômeno existencialismo:
 - Corrente filosófica
 - Movimento literário e
 - Fenômeno sociológico.
- Surgimento na França na década de 1940 do existencialismo sartriano.
 - “A existência precede a essência”.
 - Søren Kierkegaard entra para o cânone padrão da Filosofia como precursor do existencialismo.
- Jean Wahl classificou as Filosofias da existência em: Filosofia da *Existenz*, Existencialismo e Filosofia Existencialista.
- Surgimento de teólogos e filósofos que encontraram no *Corpus* kierkegaardiano um contexto ficcional sobre as necessidades e visões de mundo corroborando com a difusão do pensamento kierkegaardiano ao colocá-lo em seus interesses de pesquisa.

RECEPÇÃO ANGLO-SAXÃ

Características

- (1850 a 1940) Leitura teológico-protestante do *Corpus* kierkegaardiano.
- Filosofia continental começou a ser aceita em universidades anglo-saxãs, tendo por escopo estudos em Martin Heidegger, Karl Jaspers e no existencialismo.
- Filosofia francesa heideggeriana e pós-heideggeriana como abordagem à leitura do *Corpus* kierkegaardiano.
- (1980 até o início do século XXI) Instituições de renome internacional no estudo da vida e obra de Søren Kierkegaard. Surgimento de novos aparatos críticos e de especialistas acerca do *Corpus* kierkegaardiano.

- Abertura da tradição analítica em conexão com a influência de Wittgenstein e a vivacidade da ética como áreas contemporâneas de investigação filosófica ao pensador de Copenhague.

RECEPÇÃO BRASILEIRA

Características

1900 até 1970

- Leitura teológica protestante alemã restrita ao clero.
- Década de 1950 - chegada do existencialismo francês.
- Década de 1960 - interesse acadêmico na ontologia fenomenológica heideggeriana, como analítica existencial, encontrando adeptos nas áreas das ciências humanas e filosofia vinculada à psicologia.

1970 e 1990

- Leitura do *Corpus* kierkegaardiano com viés francês prevalecendo a leitura biográfico-psicológica, das esferas da existência e a ética kierkegaardiana.

1990 e início do século XXI

- Aparato crítico robusto disponível em dinamarquês e inglês.
- Traduções de estudos de reconsiderações:
 - Querela Hegel e Kierkegaard,
 - Martin Heidegger e Søren Kierkegaard,
 - Contemporâneos kierkegaardianos.
- Tese da Ontologia do *Inter-Esse*, saindo dos padrões estabelecidos de leitura kierkegaardiana, ou seja, existencialista, ética e ético-teológica.